

# CONVERGÊNCIA

JULHO/AGOSTO - 2001 - ANO XXXVI - N. 344

ISSN 0010-8162

- O Desafio de ser Igreja hoje  
Provocações à Vida Religiosa
- A Arte de formar-se no Limiar do Novo Milênio
- A Dimensão profético-política da Vida Religiosa
- A Caminhada da Catequese no Brasil



# SUMÁRIO

<b>Editorial</b> .....	325
<b>Palavra do Papa</b> .....	328
<b>Informe CRB</b> .....	331
<b>Artigos</b> .....	339
O Desafio de ser Igreja hoje. Provoações à Vida Religiosa .....	339
<i>Agenor Brighenti</i>	
A Arte de formar-se no Limiar do Novo Milênio .....	357
<i>J. B. Libanio</i>	
A Dimensão profético-política da Vida Religiosa .....	370
<i>Ronaldo Muñoz, ss.cc</i>	
A Caminhada da Catequese no Brasil .....	374
<i>Inês Broshuis</i>	

Capa: "A Samaritana", escultura em madeira de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), entre 1781 e 1783, no púlpito da epístola na Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Sabará (MG). Foto de Marcelo Pinheiro.

## ASSINATURA PARA 2001:

**BRASIL:** Terrestre ou aérea ..... R\$ 75,00

    Número avulso ..... R\$ 7,50 ou US\$ 8,50

**EXTERIOR:** Terrestre ou aérea ..... US\$ 85,00  
    ou o correspondente em .... R\$ (Reais).

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*



## convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

### REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

### Conselho editorial:

Ir. Romi Auth, FSP

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

### DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar  
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0\*\*21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

### DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0\*\*11) 6914-1922

e-mail: loyola@loyola.com.br

# Tempo de Sinais, sinais dos tempos

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ

**D**esde que João XXIII na sua Carta Encíclica *Pacem in Terris* (1963) chamou a atenção para os *sinais dos tempos*, que ele identificou como as grandes causas emancipatórias de então, ou seja, a emancipação da classe trabalhadora, a emancipação da mulher e a emancipação dos povos colonizados (PT 39, 40, 41, 42), a expressão adquiriu um significado bem específico de “escuta atenta da voz de Deus na realidade histórica”.

Na Igreja da América Latina, Medellín foi como uma caixa de ressonância das grandes preocupações, seja de João XXIII seja do Vaticano II com os *sinais dos tempos*. O documento de preparação da Assembléia de Medellín dedicava dois dos seus cinco capítulos aos *sinais dos tempos*, assunto que foi retomado no início da assembléia pelas conferências proferidas pelo Bispo de Santiago de Veraguas no Panamá, Marcos McGrath e pelo Cardeal Eduardo Pironio, então Secretário Geral do CELAM. Também o discurso proferido pelo Cardeal Landazuri Ricketts, arcebispo de Lima na abertura da Conferência, foi categórico: “o povo de Deus que vive e sofre nestas terras... deseja servir a humanidade e por isso quer perscrutar nos *sinais dos tempos* o que o Espírito deseja da Igreja”. A “Mensagem aos Povos” publicada no encerramento da Assembléia definiu o trabalho daqueles dias como “esforço realizado para descobrir o plano de Deus nos *sinais do nosso tempo*. Dos 16 documentos emanados de Medellín, sete fazem alusão aos *sinais dos tempos*. Nos outros textos, a intuição da *Pacem in Terris* está subjacente à preocupação com a inserção da Igreja no tempo e na história.

Pode-se dizer de maneira sintética que os *sinais dos tempos* para os quais Medellín despertou a consciência eclesial Latino-Americana foram: — A crescente e injusta pobreza do continente, com suas causas estruturais; — a urgência de transformações profundas e radicais; — a iniludível necessidade de um “novo projeto de humanidade”. Não apontavam para tarefas passageiras mas para desafios duradouros para o compromisso da comunidade eclesial.

A dinâmica posta em movimento desde então, passou a constituir uma constante da ação evangelizadora da Igreja no Continente e encontrou na Vida Religiosa receptividade criativa e audaz. A atenção aos *sinais dos tempos* foi sendo cada vez mais incorporada ao “jeito novo” da Vida Religiosa situar-se no conjunto da comunidade eclesial e na sociedade. Provocaram mudanças, que levaram a conflitos, e em não poucos casos, à incompreensão e até mesmo ao martírio. Ao longo de todos esses anos, a expressão “*sinais dos tempos*” apontou sempre para a continuidade da Revelação de Deus na história, para a revelação de Deus encarnada na história e para a conseqüente necessidade de abrir-se a essa revelação, de deixar-se interpelar por ela. Mas, abrir-se a essa revelação encarnada na história não significa apenas preocupar-se com as leituras sócio-analíticas da realidade. Embora imprescindíveis, elas não bastam. É necessária a atitude básica de uma humilde escuta de Deus nessa realidade, ou seja, uma fé encarnada, afinidade com a palavra reveladora e salvífica, despojamento de certezas prévias. Em outras palavras, a atitude de quem tem os “pés no chão” e a “mão na massa”, sem pedestais protetores ou barreiras defensivas; a atitude de quem está sempre com as “antenas ligadas”, sintonizadas com o Deus de Jesus e os pobres do Reino; a atitude de quem se despoja “para ouvir crescer a grama” das “alegrias e esperanças, das tristezas e angústias dos homens (e mulheres) do nosso tempo” (GS, 1), para aprender a discernir aí a voz do Espírito.

A Vida Religiosa do Brasil este ano tornou a debruçar-se sobre esta temática dos *sinais dos tempos* e a partir dela irá rezar, refletir e tomar decisões na sua Assembléia Geral que se realizará neste mês de julho. Situado no grande horizonte da refundação, o tema da Assembléia — “Tempo de sinais, sinais dos tempos” — constitui o eixo central dos estudos e debates que ocuparão os/as participantes da Assembléia. Com a confiança de que o Espírito anima e inspira a sua busca, a Vida Religiosa do Brasil hoje aposta no amanhã, discernindo os sinais dos tempos e acreditando profundamente na palavra que Javé lhe anuncia hoje: “há uma esperança para o teu futuro” (Jr 31,17).

A Revista CONVERGÊNCIA deste mês de julho oferece às comunidades um rico material de reflexão particularmente apto a contribuir para o aprofundamento e o debate de questões diretamente ligadas a esta atitude básica de escutar a voz de Deus nos *sinais dos tempos*, de discernir a sua vontade nas provocações que lhe advêm da realidade e do dia a dia da missão.

O artigo de **Agenor Brighenti** — “O desafio de ser Igreja hoje. Provoações à Vida Religiosa”. É um texto sugestivo, bem documentado e questionador. A situação do mundo atual, com suas crises e transformações profundas de diferentes ordens, é focalizada com clarividência e seriedade analítica. Nessa ótica, são situadas as grandes questões que preocupam hoje a Igreja e a Vida Religiosa: — Como ser sinal do Reino no mundo? Como ser Igreja hoje imersos na inevitável tensão entre o novo e o velho? No intuito de responder a estas questões, o autor articula o texto em três grandes eixos: — a necessidade de reler a experiência originária nas

provações do hoje; – a urgência de adequar a missão ao contexto e aos desafios atuais; – a imprescindível tarefa da renovação institucional. O tema e o conteúdo do texto estão em clara sintonia com as grandes linhas de busca da Assembléia Geral da CRB deste ano.

“*A arte de formar-se no limiar do novo milênio*”, do **Pe. João Batista Libânio**, é um excelente texto para iluminar o difícil caminho da formação hoje e com perspectiva de futuro. Para o autor, “a formação no novo milênio tem de exorcizar a sua etimologia, pensando-a como processo educativo, como verdadeira maiêutica histórica”. Partindo desse pré-requisito, o autor assenta o processo formativo sobre cinco pilares que são como grandes eixos que informam a dinâmica de todo o processo formativo: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver com os outros, aprender a ser, aprender a discernir a vontade de Deus”. Nessa aprendizagem que dura a vida toda, os religiosos e religiosas constroem-se como pessoas consagradas e ajudam a “ir construindo a novidade do verdadeiro milênio de nossas utopias”.

O teólogo **Ronaldo Muñoz** no seu texto “*A dimensão profético-política da Vida Religiosa*” focaliza o tema da Vida Religiosa inserida a partir de duas importantes coordenadas desse processo: – a cultura e as lutas do povo pobre; – a presença encarnada de uma Igreja evangelizadora. Nessa perspectiva, o texto apresenta as comunidades inseridas como comunidades de pentecostes hoje, como comunidades consagradas para o testemunho profético, situadas diante dos grandes desafios do mundo de hoje. Entre estes desafios o autor destaca o desafio da concentração do poder econômico, político-militar e cultural nas mãos de grandes corporações internacionais, com a grave conseqüência de que o Estado de Direito, a Justiça e a Democracia, a comunhão e participação dos povos, dos grupos sociais e das pessoas se esvaziam de conteúdo e de eficácia. Em tal contexto, a Vida Religiosa inserida trata de “acender pequenas luzes, de lançar na terra sementes de mostarda que tenham a força dos pobres, a força do Reino de Deus” e que são autênticas tentativas de responder aos *sinais dos tempos* hoje.

O artigo de **Inês Broshuis** – “*A caminhada da catequese no Brasil*” - apresenta uma síntese bem elaborada e clara do processo pelo qual passou a renovação da catequese em nosso País nos últimos decênios, procurando ao mesmo tempo abrir novos caminhos e horizontes. Na perspectiva da II Semana Nacional de Catequese, que acontecerá em outubro deste ano, o texto tem particular relevância. Quer ajudar as comunidades a refletir sobre o grande desafio de uma catequese adequada aos tempos atuais. Tratar de responder a este desafio é ajudar a formar cristãos e cristãs fieis à sua vocação no mundo, comprometidos com o reino de Deus e engajados na tarefa da transformação da sociedade, de acordo com a mensagem e as práticas de Jesus. ■



Palavra do Papa

## Saudação aos Membros do Santo Sínodo e aos Bispos da Igreja Ortodoxa da Grécia

**1.** No júbilo da Páscoa, saúdo-vos com as palavras que o Apóstolo São Paulo dirigiu à Igreja em Tessalônica: *"Que o Senhor da paz vos conceda a paz em todo o tempo e por todas as formas"* (2Ts 3,16).

Tenho muito prazer em encontrar-me com Vossa Beatitude nesta Sé Primacial da Igreja Ortodoxa da Grécia. Transmito calorosas saudações aos membros do Santo Sínodo e a toda a Hierarquia. Saúdo o clero, as comunidades monásticas e os fiéis leigos em toda esta nobre terra. A paz esteja com todos vós!

2. Em primeiro lugar, desejo expressar-vos o afeto e a estima da Igreja de Roma. Em conjunto, compartilhamos a fé apostólica em Jesus Cristo como Senhor e Salvador; temos em comum a herança apostólica e o vínculo sacramental do Batismo; e por conseguinte, todos nós somos membros da família de Deus, chamados a servir o único Senhor e a proclamar o seu Evangelho ao mundo. O Concílio Vaticano II exortava os católicos a considerar os membros das outras Igrejas como "irmãos e irmãs no Senhor" (*Unitatis redintegratio*, 3) e este vínculo sobrenatural de fraternidade entre a Igreja de Roma e a Igreja da Grécia é vigoroso e duradouro.

Sem dúvida, costumam-nos quer as controvérsias do passado e do presente quer os persistentes mal-entendidos. Contudo, num espírito de caridade recíproca, eles podem e devem ser superados, porque é isto que o Senhor nos pede. Claramente, há a necessidade de um processo libertador de *purificação da memória*. Pelas ocasiões do passado e do presente, em que filhos e filhas da Igreja católica pecaram em atos ou omissões contra os seus irmãos e irmãs ortodoxos, que o Senhor nos conceda o perdão que lhe pedimos.

Algumas memórias são particularmente dolorosas, e determinados acontecimentos do passado mais longínquo deixaram profundas feridas nas mentes

e nos corações das pessoas, e ainda hoje se fazem sentir. Retiro-me ao desastroso saque da cidade imperial de Constantinopla, que por longo tempo foi a fortaleza da cristandade no Oriente. É trágico o fato de que os salteadores, que partiram com a finalidade de garantir o livre acesso dos cristãos à Terra Santa, agredissem os seus próprios irmãos na fé. O fato de que eles eram cristãos latinos enche os católicos de profundo arrependimento. Como podemos deixar de ver nisto o *mysterium iniquitatis*, que age no coração humano? Só Deus pode julgar, e, portanto, confiamos o pesado fardo do passado à sua misericórdia infinita, implorando dele a cura das feridas que ainda causam sofrimento no espírito do povo grego. Devemos trabalhar em conjunto em favor desta purificação, se a Europa que agora emerge quizer ser fiel à sua identidade, que é inseparável do humanismo cristão compartilhado tanto pelo Oriente como pelo Ocidente.

3. No contexto deste encontro, também desejo assegurar a Vossa Beatitude que a Igreja de Roma considera com natural admiração a Igreja Ortodoxa da Grécia, pela maneira como ela tem preservado a sua herança de fé e de vida cristã. O nome da Grécia ressoa lá onde o Evangelho é anunciado. Os nomes das suas cidades são familiares aos cristãos do mundo inteiro, através das leituras dos *Atos dos Apóstolos* e das *Cartas de São Paulo*. A partir da era apostólica até ao presente, a Igreja Ortodoxa da Grécia tem sido uma rica fonte em que também a Igreja do Ocidente bebe para a sua liturgia, espiritualidade e jurisprudência (cf. *Unitatis redintegratio*, 14).

Um patrimônio de toda a Igreja são os Padres, privilegiados intérpretes da tradição apostólica, e igualmente os Concílios, cujo ensinamento constitui um elemento fulcral de toda a fé cristã. A Igreja universal jamais pode esquecer-se daquilo que a cristandade grega lhe transmitiu, nem cessar de dar graças pela duradoura influência da tradição católica.

O Concílio Vaticano II lembrou aos católicos o amor da Igreja ortodoxa pela liturgia, mediante a qual os fiéis "entram em comunhão com a Santíssima Trindade, feitos 'partícipes da natureza divina'" (*Unitatis redintegratio*, 15). Ao oferecer louvores litúrgicos agradáveis a Deus ao longo dos séculos, ao anunciar o Evangelho mesmo em épocas de escuridão e de dificuldade, ao apresentar uma *didaskalia* infalível, inspirada nas Escrituras e na grandiosa Tradição da Igreja, a Igreja Ortodoxa da Grécia deu vida a uma plêiade de Santos que intercedem por todo o Povo de Deus junto do Trono da Graça. Nos Santos, testemunhamos o *ecumenismo da santidade* que, com a ajuda de Deus, um dia há-de instaurar a plena comunhão entre nós, o que não consiste numa absorção nem numa fusão, mas num encontro na verdade e na caridade (cf. *Slavorum Apostoli*, 27).

4. Beatitude, desejo enfim expressar a esperança de que possamos caminhar juntos pelos caminhos do Reino de Deus. Em 1965, mediante um ato

conjunto, o Patriarca Ecumênico Atenágoras e o Papa Paulo VI eliminaram e cancelaram da memória e da vida da Igreja a sentença da excomunhão entre Roma e Constantinopla. Este gesto histórico manifesta-se-nos como *uma admoestação, a fim de trabalharmos cada vez mais ardentemente pela unidade, segundo a vontade de Cristo*. A divisão entre os cristãos constitui um pecado contra Deus e um escândalo perante o mundo. É um impedimento à difusão do Evangelho, porque torna a nossa proclamação menos credível. A Igreja católica está convencida de que deve fazer tudo o que está ao seu alcance para “preparar o caminho do Senhor” e para “endireitar as suas veredas” (cf. Mt 3, 3); e ela compreende que isto deve ser realizado em companhia dos outros cristãos em diálogo fraternal, em cooperação e em oração. Se determinados modelos de reunião do passado já não correspondem ao impulso para a unidade, que o Espírito Santo despertou nos cristãos em toda a parte nos últimos tempos, devemos ser ainda mais abertos e atentos àquilo que o Espírito está a dizer hoje às Igrejas (cf. Ap 2,11).

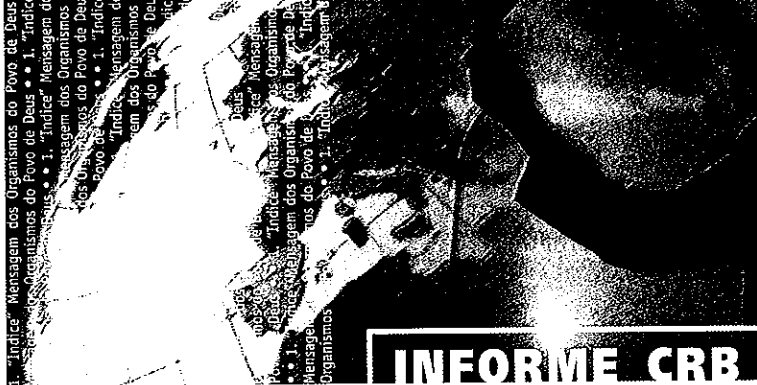
Neste tempo pascal, o meu pensamento volta-se para o encontro no caminho de Emaús. Sem o saberem, os dois discípulos caminhavam com o Senhor ressuscitado, que lhes ensinava, interpretando-lhes as Escrituras, “começando por Moisés e seguindo por todos os profetas” (Lc 24,27). Todavia, no início eles não compreendiam este ensinamento. Eles só o entenderam quando os seus olhos se abriram e O reconheceram. Nesse momento, eles perceberam o poder das Suas palavras, enquanto diziam um ao outro: “Não estava o nosso coração a arder cá dentro, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32). A busca da reconciliação e da plena comunhão significa que também nós devemos estudar as Escrituras, a fim de aprendermos de Deus (cf. 1Ts 4,9).

Beatitude, com fé em Jesus Cristo, “o Primogênito dos mortos” (Cl 1,18) e num espírito de caridade e de esperança amorosa, desejo assegurar-lhe que a Igreja católica está irrevogavelmente comprometida no caminho da unidade com todas as Igrejas. Somente desta forma o único Povo de Deus brilhará no mundo como sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano (cf. *Lumen gentium*, 1).

Atenas, 4 de maio de 2001.

*Joannes Paulus n. II*





# 1. "Índice" Mensagem dos Organismos do Povo de Deus

## INDIGNAÇÃO, SOLIDARIEDADE E COMPROMISSO

Vindos de todo o Brasil, cristãos leigos e leigas, membros das congregações e institutos de vida consagrada, diáconos, presbíteros e bispos, representantes do Conselho Nacional dos Leigos e Leigas Católicos do Brasil (CNL), Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), Conferência Nacional dos Institutos Seculares (CNIS), Comissão Nacional dos Diáconos (CND), Comissão Nacional dos Presbíteros (CNP) e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunidos em Itaiaci – São Paulo, de 28 a 30 de abril de 2001, na V Assembléia Nacional dos Organismos do Povo de Deus, refletimos sobre a realidade do nosso país e a julgamos a partir do Evangelho de Jesus de Nazaré.

Animados pela palavra do Papa João Paulo II em sua Carta Apostólica *No Início do Novo Milênio*, assumimos, com esperança, o Projeto SER IGREJA NO NOVO MILÊNIO, que nos impulsiona para a Missão, iluminados pela experiência fundante das primeiras comunidades cristãs, sob o olhar materno de Maria.

Neste momento tão grave para nossa pátria, queremos partilhar com nossos irmãos e irmãs brasileiros, dois sentimentos que brotam, ao mesmo tempo, de nossos corações: INDIGNAÇÃO e SOLIDARIEDADE.

## INDIGNAMO-NOS PERANTE:

- a brutal desigualdade social que, agravada pela prioridade dada ao pagamento das dívidas externa e interna, nega a milhões de brasileiros condições mínimas para uma vida digna e o pleno exercício da cidadania;
- o crescente desemprego que humilha e leva ao desespero homens e mulheres, desestruturando nossas famílias;
- o abandono de pessoas idosas à própria sorte e a falta de perspectivas para crianças e jovens;
- a falta de transparência, de compromisso com a verdade e de apuração profunda de denúncias de corrupção, que atinge os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e os níveis Federal, Estadual e Municipal, fomentada pela crescente impunidade, levando ao descrédito das instituições e ao desgaste da função política;
- a violência que hoje alcança níveis incontroláveis e aterrorizantes, atingindo a todas as classes sociais, sobretudo as mais pobres.

## SOLIDARIZAMO-NOS COM:

- os homens e mulheres que, na sua simplicidade e autenticidade, partilham seus bens e suas vidas com os mais frágeis e despossuídos;
- os grupos e associações que resistem e lutam pela transformação desta realidade perversa e injusta, particularmente os que defendem a cultura e os direitos dos negros e povos indígenas;
- as pessoas que, exercendo parcelas do poder, resistem a práticas imorais cada vez mais generalizadas, e buscam pautar sua conduta pela ética, no serviço ao bem comum;
- as pequenas experiências de comunidades e grupos que se organizam em formas alternativas de geração de trabalho e renda e enfrentam, corajosamente, esta ordem econômica cada vez mais concentradora e excludente;
- as pessoas que defendem a vida, desde a concepção até seu término natural, opõem-se decididamente à legalização do aborto, lutam pelos Direitos Humanos e procuram construir a Paz;
- os trabalhadores e trabalhadoras, por ocasião do dia Primeiro de Maio.

Movidos pelo Espírito de Deus, convidamos todas as pessoas que repudiam este sistema desumano e desumanizante, para que se articulem e se mobilizem no sentido de assumir, em suas próprias mãos, a construção de uma nova ordem social, política e econômica, um novo país e uma nova história.

Neste momento, **CONVOCAMOS** nossas comunidades a se unirem às entidades e organizações sociais que realizarão VIGILIAS CÍVICAS CONTRA A CORRUPÇÃO em todo o Brasil, no **Domingo, 13 de maio**. Será um passo importante para que, articulada e organizada, a própria sociedade civil assuma a investigação dessas práticas odiosas de corrupção, identificando corruptos e corruptores responsáveis pelo caos institucional que ameaça se instalar no país.

Itaici, 30 de abril de 2001.

## 2. Uma visita a Manaus e a Boa Vista

Dentre as recomendações do Projeto da CLAR “Pelos Caminhos de Emaús”, ao lado de inúmeras outras sugestões e iniciativas, consta o exercício do que em língua espanhola chamam de *visiteo* que traduzimos por visitação. Talvez seja um costume antigo da Vida Religiosa de promover visitas entre casas e comunidades da mesma Congregação ou, até mesmo, de Congregações diferentes entre si. Punha-se assim em prática um velho ditado chinês: “Nos caminhos de amigos que se visitam não cresce o mato”.

Ultimamente, entretanto, tais visitas se tornaram mais raras, geralmente muito apressadas quando aconteciam e levavam o cunho pragmático de proferir conferências, ministrar cursos ou promover retiros espirituais. De ambas as partes – dos que visitavam, quanto dos que eram visitados – podia-se dizer que sentiam duas alegrias: uma quando a visita chegava e outra quando ia embora. Ninguém tinha tempo para “jogar conversa fora”.

Tentando superar esta perda e recuperar a prática de reforçar laços e vínculos de amizade e pertença à mesma causa e missão, a CRB Nacional se propôs retomar as visitas informais às Regionais, aos núcleos ou às Congregações por ocasião de eventos ou encontros significativos.

Nesta perspectiva, iniciei no dia 4 de abril uma viagem a Manaus, com vistas a prolongá-la e estendê-la até Boa Vista, capital do Estado de Roraima. Saindo do Rio de Janeiro às 8 horas, numa quarta-feira, cheguei ao Aeroporto de Manaus às 14 horas, após as escalas de São Paulo e Brasília. Estava à minha espera a Ir. Alzira Fritzen, assessora da Regional. Deu-me as boas-vindas e me conduziu de carro a sede da Secção Regional. De lá, depois de cumprimentar o Presidente e demais membros da Diretoria e tomar um suculento refresco típico do Amazonas, dirigimo-nos à Cúria Diocesana para cumprimentar a Dom Luís e Dom Mário, respectivamente Arcebispo e Bispo Auxiliar de Manaus. Já nos conhecíamos de outras estadas na capital amazonense.

Em se tratando de uma visita de cortesia, a conversa correu solta sobre a situação da Igreja na Amazônia, a participação dos Religiosos e das Religiosas na formação do clero e demais agentes de pastoral, o entrosamento das Congregações presentes e atuantes na Arquidiocese e no Estado. Pude constatar o bom relacionamento entre as autoridades eclesiais e a Conferência dos Religiosos de Manaus. Há clima de apoio, de apreço recíproco, de comunhão e participação.

Retornando à sede local da CRB, participei de uma reunião da Diretoria. Dentre os assuntos tratados, acertamos os temas e as informações que passaria aos Religiosos no encontro agendado para o dia 5 de abril, à noite. Terminada a reunião, fui levado pelo Pe. David ao recém inaugurado Noviciado dos Jesuítas que constituíram um Distrito na Região Amazônica que compreende os Estados do Pará, Amazonas, Roraima e Acre. Concebrei a Missa com o Pe. David Hubaldo

Romero (mestre), o Ir. Franco Zanelli e os cinco noviços do 1º ano. Envolvia-nos um ar de piedade, de pioneirismo e deslumbramento, uma vez que tudo estava em seus começos, desde as modestas e simples construções que iniciavam a abrigar os primeiros noviços do distrito, até o entusiasmo pela vocação deste punhado de chamados à Companhia de Jesus rumo a uma formação inculturada na sua própria terra.

Após a janta, fui levado à Casa de Formação Laura Vicuña, local em que se realizava o septuagésimo oitavo CERNE. Na escadaria do prédio principal fui acolhido fraternalmente pela Ir. Ineida Dalmaso, pelo Frei Aldo Colombo – Coordenadores do Curso – e alguns cernistas mais hospitaleiros e curiosos que ainda não se haviam recolhido aos seus aposentos. Acomodadas as mochilas no apartamento dos visitantes e trocada a primeira camisa ensopada em suor, pois fazia um calor úmido e tropical até aquela hora da noite, tomei um refrescante suco de cupuaçu, enquanto conversava com a coordenação sobre o programa que desenvolveria com os cernistas durante os dois dias em que estaria com eles.

Como nos anteriores 12 CERNES que acompanhei ao longo dos seis anos de Presidente, discorri durante dois dias sobre a situação e as perspectivas da Vida Consagrada no Brasil e na América Latina. Valendo-me de transparências para retroprojeter e de textos previamente preparados, alternei exposições orais com estudos e reflexões individuais, partilhas em grupos e debates em plenário. O interesse e o envolvimento dos cernistas eram grandes e me deixaram entusiasmado com a experiência que estavam realizando, constituindo-se num pulmão da Vida Religiosa no país, protagonizando a sua refundação. As celebrações eucarísticas e os momentos de recolhimento e oração transformavam as vivências e as aprendizagens em prece de louvor, de agradecimento e de expressão intercongregacional.

À noite do dia 5 de abril acorreram ao salão nobre da Casa de Formação Laura Vicuña aproximadamente 180 Religiosos e Religiosas atendendo convite da Diretoria Regional. Pediram-me para falar especialmente sobre dois assuntos: o Projeto da CLAR “Pelos Caminhos de Emaús” e os temas a serem tratados na XIX AGO da CRB. Falei durante uma hora sobre estes assuntos e após alguns cantos de animação da platéia, respondi às perguntas que espontaneamente alguns e algumas encaminharam, depois do cochicho entre todos, repercutindo os temas apresentados.

O encontro valeu não só pela exposição formal dos assuntos, mas especialmente pela presença da VR de Manaus junto aos cernistas e ao representante da Nacional, mostrando-se reciprocamente seus rostos, suas expectativas e razões de viver.

À zero hora do dia 7 de abril, sábado, o avião da Varig levantou vôo rumo à Boa Vista. Entre os passageiros estava eu, cheio de curiosidade, de antecipação imaginária dos cenários e das pessoas que haveria de encontrar, ansioso por conhecer o Estado em que nunca havia posto os pés. Ao desembarcar, após uma hora de vôo, vislumbrei logo a silhueta do Pe. Edson Damian, atrás das divisórias de vidro que separam os passageiros dos recepcionistas. Pe. Edson, gaúcho da Diocese de Santa Maria, foi professor de filosofia no Colégio Anchieta de Porto Alegre quando eu

era o seu Diretor e ele cursava Teologia, preparando-se para a ordenação sacerdotal. Mais tarde, quando eu já era Presidente da CRB, encontrava-me frequentes vezes com ele, na CNBB em Brasília, onde trabalhava com assessor no setor de ministérios e vocações. Terminada esta missão, foi a Roraima, oferecendo generosamente sua quota missionária no intercâmbio entre Igrejas-irmãs de Santa Maria e Roraima. É curioso que todo Estado de Roraima seja uma única Diocese.

No caminho do aeroporto até a residência do Bispo onde seria hospedado, Pe. Edson me informou que a cidade de Boa Vista se compunha de 150.000 habitantes, que o Estado todo não passava de 300.000, numa grande variedade e procedência étnica, cultural e geográfica. Grande parcela da população é constituída de índios de diversas tribos e nações, dentre os quais sobressaem os Ianomâmi.

Depois de algumas horas de sono matutino e tomado o café da manhã, reuni-me com Dom Aparecido, Pe. Sérgio Weber da Consolata e Frei Clodoaldo para organizar a visita. Ficou combinado o que passo agora a descrever

### **a) Um *city-tour* por Bela Vista.**

O próprio Dom Aparecido dirigiu a camioneta, mostrando-me o centro da cidade e alguns bairros da periferia. Impressionou-me particularmente o traçado urbano que, ao menos no centro, obedeceu a um plano previamente desenhado no mapa e executado com precisão sobre um terreno muito plano, com pequeno declive em direção ao Rio Branco que banha a cidade. Neste tempo de verão, tomando em conta que Roraima se situa no hemisfério Norte, a água do rio estava muito escassa, ficando à vista extensos bancos de areia branca que ofuscam os olhos de quem os contempla. Às suas margens, longas fileiras de casinhas pobres abrigavam famílias de pescadores e trabalhadores de baixa renda.

Outra coisa que me chamou atenção foram os edifícios públicos e os quartéis, construídos no tempo da ditadura militar, quando Roraima ainda era Território Federal, governado por Governadores nomeados pelo Poder Central dentre Oficiais do Exército ou Brigadeiros da Aeronáutica. Os atuais políticos ainda se apóiam hoje sobre estruturas montadas naquele tempo e 12 anos de Estado autônomo é pouco para apagar os vestígios daquele regime e implantar uma verdadeira democracia a serviço do bem comum.

Voltando do giro, apreciei a arquitetura da Catedral, em forma de Harpa, majestosa e elegante na ponta da praça da Matriz. Disse-me Dom Aparecido que foi construída sob os cuidados e desvelos de Dom Aldo Mongiano, Bispo Emérito de Boa Vista, de volta à Itália donde tinha vindo como missionário.

### **b) Visita às Apóstolas de Cristo.**

Às 14 horas vieram buscar-me para uma visita à Comunidade das Apóstolas de Cristo, reconhecida por Dom Aldo como Pia Associação, com rosto amazônico e roraimense. Fundada por uma Irmã da Consolata, natural de Roraima, com apoio das co-irmãs da Consolata e aprovação de direito diocesano, a associação já existe há 22 anos. A fundadora, três associadas com solene e público compro-

misso e quatro aspirantes queriam saber de mim a possibilidade de tornar-se uma Congregação Religiosa. Ouvi sua história e seus argumentos e disse-lhes que tudo dependeria da definição do seu carisma que precisaria ser, inicialmente, aprovado pelo Bispo Diocesano. Prometi-lhes acompanhá-las através da União das Superiores Gerais de Congregações Brasileiras, considerando-as, por enquanto, como uma Congregação em formação, como tantas outras no Brasil. O futuro dirá se é obra de Deus, além de humana.

### **c) Missa no Bairro Trancredo Neves.**

Sendo Domingo de Ramos, ofereci-me para celebrar uma Missa num bairro que integra a rede de comunidades organizada pelos Frades Franciscanos.

A procissão saiu de uma praça de esportes, percorrendo uns 500 metros até a capela da comunidade. Esta ficou repleta de fiéis que com muito entusiasmo acompanharam as orações, os cânticos e as leituras. Fazia um calor senegalesco, apesar do vento que soprava forte.

Após a Missa, Frei Clodoaldo levou-me a conhecer os arredores de Boa Vista, mostrou-me o "lavrado", que são grandes extensões de terra com pequenas árvores retorcidas e vegetação rala e rasteira, parecida com o cerrado ou a caatinga. Também fomos ver a fabricação ao ar livre de tijolos, solução que as famílias pobres e os desempregados encontraram para sobreviver.

### **d) Almoço nas Irmãs da Consolata.**

Presentes em Roraima desde 1948, as Irmãs da Consolata são uma força missionária significativa não só nas culturas dos brancos, mas também nas culturas indígenas. Trabalham em escolas, hospitais, aldeias indígenas, pastoral paroquial e assentamentos. Muitas vieram da Itália. Outras são brasileiras vindas de diversos Estados. Todas fazem um grande esforço por inculturar-se nesta fronteira geográfica, cultural e religiosa. O almoço que ofereceram ao Pe. Edson, ao Frei Clodoaldo e a mim, além de apetitoso, foi gostoso, alegre e descontraído, culminando com fotos e brindes.

No meio da tarde de domingo dei uma pequena entrevista a repórteres italianos da revista *Famiglia Cristiana*, curiosos por saber como a CRB lidava com a questão indígena face aos conflitos com fazendeiros, madeireiros, garimpeiros e políticos. Naturalmente lhes disse que a Conferência se solidariza com os povos indígenas e deposita irrestrita confiança e apoio aos que os defendem como a Igreja Católica de Roraima e o CIMI.

Às 18 horas fui jantar com os Padres e Irmãos da Consolata que me falaram de sua vida, seus trabalhos e projetos, tanto na pastoral urbana, quanto nas estações missionárias junto aos índios.

### **e) Segunda-feira num "banho"**

A princípio estranhei a expressão: "vamos passar o dia num banho". Vão os Padres Diocesanos, o Bispo, os Diáconos, as Religiosas e os Religiosos de Boa

Vista. Para não ser indiscreto, esperei chegar a 2ª feira para matar a minha curiosidade. Saímos na camionete dirigida por Dom Aparecido. Conosco iam duas Irmãs da Providência de Gap. No caminho compraram uma bela melancia e algumas verduras. As largas avenidas e ruas do centro, funilavam cada vez mais perdendo-se nos becos da periferia. Seguimos uma delas até chegar a BR que liga Caracas, na Venezuela com Manaus. Rumamos alguns quilômetros para o sul até chegar a uma estrada de chão batido que levaria ao “banho”. Ao chegar, constatei que se tratava de um sítio ou de uma chácara, cuja sede se situava num pequeno bosque de grandes árvores em contraste com o “lavrado” ao redor.

O segredo da pujança das árvores e da vegetação era a água límpida e abundante formando poços que denominam “banho”, o que no sul se chamaria de sangra, restinga ou cacimba.

O sítio é propriedade do Sr. Bortollini, amigo do Pe. Edson. Além da casa da família, um galpão coberto de sapê e um telheiro que abriga uma churrasqueira e um forno.

Enquanto celebramos a missa presidida por Dom Aparecido e participada por todo grupo reunido, o Sr. Bortollini aquecia a churrasqueira com o carvão aceso e preparava um suculento assado de carne de rês, de porco e de ovelha. Na hora da homilia, fiz minha palestra discorrendo sobre a situação da VR no Brasil e na América Latina e suas propostas. Tive que fazer malabarismos retóricos para manter a atenção dos ouvintes, distraídos pelo tentador cheiro de churrasco transportado pela fumaça que o vento fazia questão de empurrar justamente onde estava reunida a devota assembléia.

Após a Missa, todos fizeram questão de bater umas fotos com o estranho forasteiro que os visitava. Saíram todas muito bonitas e sorridentes, prelibando a água na boca provocada pelos petiscos que nos esperavam.

Num alegre e buliçoso burburinho, tomamos sobriamente os aperitivos, sabendo que algo mais sólido e nutritivo haveria de seguir. Para isto, acomodamo-nos nas mesas de concreto, armadas debaixo de frondosas árvores e refestelamo-nos neste gostoso piquenique regado a cerveja, refrigerantes ou sucos naturais. Foi tão farta a comida e a bebida que todos se contentaram em contemplar as límpidas e tranqüilas águas do “banho”, mas ninguém se atirou nelas para evitar uma eventual congestão.

Para aguardar a digestão, alguns se desafiaram num animado jogo de bocha, enquanto outros formaram rodas de conversa, pondo em dia as informações e comentários.

À meia-tarde, pouco a pouco, os carros começaram se movimentar-se, dispersando a turma, após calorosas e alegres despedidas. Voltei com Dom Aparecido e o Pe. Edson à Cúria Diocesana passando pelo bairro onde residem inseridas as Irmãs da Providência de Gap que tinham ido conosco.

Era hora de arrumar a mala e fazer tempo para as despedidas derradeiras. À meia-noite dirigi-me ao escritório de Dom Aparecido para dizer-lhe adeus e expressar-lhe meus agradecimentos pela acolhida e hospitalidade. Uma última

olhada para a Catedral-harpa e a altíssima torre da Embratel plantada na praça do Centro Cívico e visível de todos os recantos da cidade, embarcar no carro do Pe. Edson e rumar para o aeroporto. Feitos os agradecimentos recíprocos pela visita e pelos inúmeros gestos de hospitalidade e gentilezas, dirigi-me ao *check-in*, preparando-me para o embarque no 373 da Varig que decolaria a uma hora e trinta minutos do dia 10 de abril.

Sobrevoando a imensa floresta amazônica, na escuridão da noite e no silêncio de seus segredos, rebobinei lentamente o filme de minha memória recordando, agradecido a Deus, aos Irmãos e às Irmãs, os lugares percorridos, as pessoas visitadas, os encontros celebrados, os conhecimentos adquiridos e as vivências acumuladas neste "visiteo" que deixou saudades. Aos Irmãos e Irmãs que vivem e trabalham no Amazonas e em Roraima parabéns pelo que são e fazem, parabéns pela garra e denodo missionários, admiração e reconhecimento pela coragem, dedicação, espírito de serviço e sacrifício na missão que abraçaram e levam, gratidão pelo exemplo de vida na fronteira, no deserto e na periferia que proporcionam a todos nós, lá, de tão longe... Exemplo que tive a graça de ver com meus próprios olhos e do qual dou testemunho aos que lerem este informe.

**PE. JOÃO ROQUE ROHR, SJ**  
**PRESIDENTE NACIONAL CRB**



O Desafio de ser Igreja hoje  
Provocações à Vida Religiosa

AGENOR BRIGHENTI

A virada de milênio, sem dúvida, coincide com um tempo de profundas transformações, em que se tem a sensação de que “tudo o que é sólido desmancha-se no ar”. Na esteira da “crise da modernidade”, que muitos têm caracterizado de “mudança epocal” ou de “crise de civilização”, apresenta-se a crise da “razão técnica-instrumental” (Escola de Frankfurt), seguida da “crise dos metarrelatos”, apoiados numa “razão fria que desconhece as razões do coração” (razão emocional). O ‘pensamento light’ ou a ‘cultura do vazio’, como bem os caracterizaram Gianni Vattimo e Gilles Lipovetsky<sup>1</sup>, acenam para a única forma de razão – a “razão

débil”<sup>2</sup>. As ciências em geral, que neste último século estiveram “muito mais próximas do poder do que da verdade” (P. Demo), estão em plena “crise de paradigmas”<sup>3</sup>. Os grandes ideais sociais, que perseguiram revoluções, desembocaram no “desencanto das utopias”<sup>4</sup>, que parecem acenar para “o fim da história” (Fukuyama)<sup>5</sup>. Só restou o gosto amargo do presente, o “triunfo do indivíduo solitário” (G. Faus). A técnica, aparentemente o único setor triunfante, é a responsável, no entanto, por um planeta enfermo, em que estão ameaçadas a “vida humana e seus ecossistemas” (L. Boff). Apodera-se de todos nós um “sentimento de orfan-

1. J. COMBLIN, “América Latina: presente e futuro, esperança e temor”, in *Vida Pastoral* 216 (2001) 10-17, aqui p. 11. Ver, LIPOVETZKY, *A era do vazio*, Relógio d’Água Editores, São Paulo 1989.
2. Entende-se por ‘razão débil’ a razão emocional e pragmática dos indivíduos e as redes que constituem uns com os outros no espaço comunicacional.
3. Max Weber, um dos principais críticos da modernidade entre os sociólogos, já vislumbrava uma sociedade rígida e opressora, um pragmatismo científico despersonalizante e uma cultura desumanizadora.
4. Cf. H. MARCUSE, *O fim da utopia*, Paz e Terra, Rio de Janeiro 1969. Cabe mencionar aqui a crítica às ‘utopias impossíveis’ da modernidade como foram as anti-utopias de A. Huxley (*Admirável mundo novo*) e Orwell (*Rebelião no estábulo*).
5. Cf. F. FUKUYAMA, *O fim da história e o último homem*, Rocco, Rio de Janeiro 1992.

dade", marcado pela instabilidade, a insegurança e, em muitos casos, o medo e o apocaliptismo. Na esfera religiosa, a "modernidade eclesial", enfim ocorrida cinco séculos mais tarde com o Concílio Vaticano II, não deixa também de apresentar hoje seus desencantos. Parece que, definitivamente, mergulhamos na sociedade dos 'pós' – pós-moderna, pós-religiosa, pós-industrial, pós-cristã etc.

Porém, como bem advertiram J. Habermas e A. Tourraine<sup>6</sup>, a atual "crise da modernidade" está longe de representar o ocaso deste "projeto civilizacional" – uma "pós-modernidade". Mais bem apresenta-se o desafio de uma "sobre-modernidade", em que a Primeira Ilustração (emancipação do sujeito individual e da razão subjetiva) e a Segunda Ilustração (emancipação dos sujeitos sociais e da razão prática), parece deverem ser complementadas por uma Terceira Ilustração (emancipação da alteridade como gratuidade ou da razão comunicacional). Enfim, aparece a séria tematização do 'outro' como horizonte de sentido, caminho para "o grande Outro" (E. Levinas), o Absoluto, a verdadeira instância da ética (Wittgenstein), ausente nas principais esferas da vida social atual.

Evidentemente que, diante deste quadro, ser cristão no mundo de hoje, não é uma situação propícia a seguranças. A propósito, dizia um escritor inglês, já ausente do cenário literário, que não gostava

muito deste Papa, porque ele não tem dúvidas. Vivemos um tempo mais de buscas do que sínteses, mais ingente à criatividade do que ao plágio e à repetição. Nos debatemos, todos, entre a aventura do risco do novo ou o refúgio nas obsoletas seguranças do passado. Mas, de nada valem nostalgias restauradoras ou "volta à grande disciplina" (J. B. Libânio), muito menos pretensões de totalitarização ideológica, tributária da mentalidade de cristandade. É claro que, em se tratando da herança cristã, em meio ao relativismo moral e religioso reinante, impõe-se salvaguardar a autenticidade originária, a experiência fundante. Entretanto, a fidelidade autêntica não se exerce desde o medo, mas desde a "tecitura do risco" (K. Rahner). A coragem de renovação é a única garantia de futuro<sup>8</sup>. Caso contrário, estaremos condenados a repetir o passado, num presente que o tornou obsoleto.

Então, 'como ser Igreja hoje', imersos na inevitável tensão entre o novo e o velho? Quais as 'provocações' de nosso tempo à Vida Religiosa? Tudo parece indicar que pelo menos três gigantescas tarefas nos esperam: revisitar o passado desde o presente, retomando a experiência originária (**refundação identitária**); situar-se na urgência do presente e buscar conformar o 'fazer' ao 'ser' (**reprojção da missão**); e, ver até que ponto as formas de organização ou as estruturas deixam transparecer a experiência originária no contexto atual (**renovação institucional**)<sup>9</sup>.

6. Também se inscrevem nesta perspectiva Ernest Bloch, Sartori, Foucault, Lyotard etc.

7. Conceito trabalhado no eixo França-Bélgica.

8. A. T. QUEIRUGA, *El cristianismo en el mundo de hoy*, Col. Aquí y Ahora 17, Sal Terrae, Santander 1992, p. 5-6.

9. C. PALACIO, *Reinterpretar a Vida Religiosa*, Paulinas, São Paulo 1991, p. 91.

A preocupação pela 'identidade' da Igreja, das instituições, assim como das culturas, dos povos, dos indivíduos etc., está na ordem do dia. Por um lado, as profundas transformações atuais e, por outro, a cultura de dominação reinante, operaram uma destruição dos valores tradicionais e das estruturas que davam identidade às pessoas, em nome da libertação de todos os jugos. E, de fato, o indivíduo encontra-se livre; livre, mas só no mundo, condenado a salvar-se sozinho, num mundo de bilhões de rivais em luta fratricida pela sobrevivência<sup>10</sup>.

### 1.1. Geradores da crise de identidade eclesial

A atual crise de identidade eclesial parece que é devida, no âmbito sócio-cultural, às razões já aludidas, ou seja, à necessidade de dar um passo a mais na construção do projeto civilizacional moderno e, na esfera religiosa, à emergência do pluralismo religioso.

A pluralidade de religiões é tão antiga quanto a humanidade mas, no Ocidente, durante quase dois mil anos, houve uma hegemonia do cristianismo, em especial do catolicismo: o contexto de teocracia e de religião oficial dos Estados, anulava a incidência social de outras religiões minoritárias, mantendo os católicos imunes à sua influência. Com o advento da modernidade, a emancipação da razão individual fez emergir, com seriedade, a fé como uma opção pessoal. E mais, o descobrimento das culturas, a maior descoberta do sécu-

lo XX (Mircea Eliade), além de ter legitimado o *pluralismo cultural*, na medida em que permitiu descobrir a religião como alma da cultura fez emergir com força, também o *pluralismo religioso*.

O catolicismo, particularmente a Igreja oficial, durante séculos resistiu à modernidade, em suas múltiplas emancipações: do ser humano frente ao teocentrismo ("os direitos humanos são contrários aos direitos de Deus"), da razão frente à fé ("a razão deve obediência ao dogma"), do Estado frente à Igreja ("todo poder vem de Deus"), das culturas frente ao eurocentrismo ("a civilização contra a barbárie"), das religiões frente ao catolicismo ("a satanização da religião do outro"), dos indivíduos frente às instituições ("a razão é uma estrutura coletiva") etc. O Concílio Vaticano II operou uma virada copernicana à questão no interior da Igreja, legitimando a liberdade de consciência em matéria de religião – "... em assuntos religiosos, ninguém seja obrigado a agir contra a própria consciência" (DH 2); afirmando a autenticidade da fé cristã em outras Igrejas cristãs – "a verdadeira Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica" (*subsistit in* e não *solummodo* – LG 8), o que levou ao inédito diálogo ecumênico; e, reconhecendo a mediação salvífica das demais religiões – "as diversas tradições religiosas contêm e oferecem elementos de religiosidade, que procedem de Deus" (AG 11), o que provocou a impensável abertura macro-ecumênica<sup>11</sup>.

10. J. COMBLIN, "América Latina: presente e futuro, esperança e temor", in *Vida Pastoral* 216 (2001) 10-17, aqui p.11. Ver, também, CRISTIANISME I JUSTÍCIA, *El Tercer milenio como desafío para la Iglesia*, Cuadernos Cristianisme i Justicia n. 91, p. 3-7.

11. Cf. J. DUPUIS, *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*, Queriniana, Brescia, 1997; F. TEIXEIRA, *Teologia das religiões. Uma visão panorâmica*, Paulinas, São Paulo 1995.

Tal abertura, que para G. M. Lefebvre significava a "legitimação do erro", para outros parecia ir de encontro à liquidação da religião, diagnosticada pelos filósofos da práxis como "alienação". Nietzsche teria razão: a afirmação do homem levaria necessariamente à eliminação de Deus. A técnica faria realidade do céu na terra, até então projetado alienadamente pelas religiões numa meta-história. A experiência religiosa estaria ligada a uma etapa infantil e pré-científica da humanidade.

Diante do progressivo processo de secularização, que em muitos casos beirou o secularismo, sobretudo para a Igreja européia, parecia que a futura tarefa evangelizadora se resumiria em dialogar com o "homem ateu". Entretanto, já havia diagnosticado A. Malraux: "o século XXI será religioso ou não será". E, de fato, as últimas décadas foram marcadas

pelo "retorno do religioso"<sup>12</sup>, ainda que não seja necessariamente "o retorno do sagrado", em que até as ciências e a própria filosofia encontram-se desafiadas pela questão do sentido e do Absoluto. Hoje, assistimos a uma 'orientalização' do Ocidente<sup>13</sup> e à irrupção de novas formas religiosas<sup>14</sup>, como a *New Age*, que desconcertam as religiões institucionais, em particular o catolicismo<sup>15</sup>.

Esse "mercado religioso"<sup>16</sup>, evidentemente operou uma crise da identidade religiosa, sobretudo na perspectiva ecumênica e macro-ecumênica pois, há de se admitir, reina uma certa perplexidade e, em alguns casos, confusão também entre os católicos. Não estão ausentes opiniões que nivelam todas as religiões, caminho para a indiferença religiosa ou relativismo religioso: "não existe uma religião verdadeira, mas várias"; conseqüentemente,

12. A. P. ORO, "Um olhar sobre o atual campo religioso do Brasil", in *Cristianismo y Sociedad* 142 (1999) 41-43; J. M. NÚÑEZ MORENO, "La hipótesis execiva. El retorno de la religión desde una ontología de la actualidad", in *Isidorianum* 17 (2000) 227-250, aqui p. 228-237; L. KOLAKOWSKI, "A revanche do sagrado na cultura profana", in *Religião e Sociedade* 1 (1977) 153-162; L. R. Benedetti, "Entre a crença coletiva e a experiência individual; renascimento da religião", in M. FABRI DOS ANJOS (org.) *Sob o fogo do Espírito*, São Paulo 1998.
13. Cf. C. CAMPBELL, "A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio", in *Religião e Sociedade* 18 (1997) 5-29. Ver, também, C. PARKER G., "Nuevo panorama, nuevos movimientos religiosos en América Latina", in *Cristianismo y Sociedad* 142 (1999) 9-17; R. PRANDI, "Religião, Biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças da religião", in *Cristianismo y Sociedad* 142 (1999) 19-31; J. M. CAROZZI-A. FRIGERIO, "Los estudios de la conversión a nuevos movimientos religiosos: perspectivas, métodos y hallazgos", in J. M. CAROZZI-A. FRIGERIO (ogs.), *El estudio científico de la religión del siglo XX*, CEAL, Buenos Aires 1994; A. P. ORO, "Um olhar sobre o atual campo religioso do Brasil", in *Cristianismo y Sociedad* 142 (1999) 41-47.
14. F. CHAMPION, "Persona religiosa fluctuante, eclecismo y sincretismos", in JEAN DELUMEAU (dir.), *El hecho religioso. Enciclopedia de las grandes religiones*, Alianza, Madrid 1995, p. 709-739; J. M. MARDONES, *Para comprender las nuevas formas de religión*, Verbo Divino, Navarra 1994, aqui p. 158-159.
15. Cf. R. OTTO, *Le sacré. L'élément non-rationnel dans l'idée du divin et sa relation avec le rationnel*, Payot, Paris 1969; Cl. CALIMANN (org.), *A sedução do sagrado*, Vozes, Petrópolis 1998.
16. A. P. ORO, "Um olhar sobre o atual campo religioso do Brasil", in *Cristianismo y Sociedad* 142 (1999) p. 43-46.

“não existe uma verdade, mas várias”. Daí, a passagem para o sincretismo religioso é apenas a um passo. As instituições religiosas, em muitos casos, já não conseguem ter um controle de suas doutrinas, símbolos, ritos e práticas. Os fiéis sentem-se situados frente a um “mercado do religioso”, em que cada um se acha no direito de buscar, aonde estão presentes, aqueles produtos capazes de responder às próprias necessidades. Aparecem, então, os símbolos religiosos (escrituras sacras, conteúdos da fé, ritos e práticas éticas), sem ligação com as instituições e sem raiz em grupos e comportamentos específicos, relativizando-se a expressão da experiência religiosa numa comunidade de fé<sup>17</sup>. Emergem “comunidades emocionais”, espécies de “igrejas invisíveis”<sup>18</sup>, em que há cada vez mais uma grande dificuldade em crer com os outros e naquilo que os outros crêem. Dá-se uma certa atomização dos sistemas religiosos, na medida em que a tradição sagrada tende a ser lida na perspectiva da subjetividade e da afetividade<sup>19</sup>. Opera-se uma homogeneização dos conteúdos e das práticas das religiões, com a tendência a ater-se aos elementos comuns de todas elas, nivelando suas expressões e dando por certo indicarem as mesmas realidades.

## 1.2. Em busca da experiência originária

A crise de identidade, num momento e contexto particulares, instintivamente leva a revisitar o passado, em busca da experiência originária. Trata-se de encontrar o referencial histórico que fundamentou o caminhar até então e de buscar situá-lo no presente. Mas, há duas maneiras muito diferentes de revisitar o passado, que desembocam em resultados diversos: revisitá-lo desde a instintiva atitude de medo e de autodefesa, que leva a agarrar-se com unhas e dentes à identidade ‘de sempre’; e, revisitá-lo desde a urgência do presente, propondo-se a uma refundação das identidades na fidelidade à experiência originária.

### ***O passado como refúgio: o fundamentalismo***

Diante da crise de identidade, uma postura fundamentalista não deixa de ser uma visão catastrófica da realidade presente, na medida em que pensa que, não foram os tempos que mudaram, mas a identidade atual que fracassou por ter-se desviado da forma originária. A saída é trazer para o hoje a identidade de ontem, que deu certo em seu tempo<sup>20</sup>. Ela tenderia a dizer que, na América Latina,

17. Cf. L. DUMONT, *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Rocco, Rio de Janeiro 1985.

18. Cf. Th. LUCKMANN, *La religión invisible. El problema de la religión en la sociedad moderna*, Sígueme, Salamanca 1973; M. Cl. BINGEMER, *Alteridade e vulnerabilidade. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*, Loyola, São Paulo 1993; D. HERVIEU-LÉGER, *Vers un nouveau christianisme? Introduction à la sociologie du christianisme*, Paris, Ed. Du Cerf, 1987.

19. C. PARKER G., *Nuevo panorama, nuevos movimientos religiosos en América Latina*, op. cit., p. 12-13.

20. Cf. J. M. MARDONES, *Neoconservadurismo. La religión del sistema*, Sal Terrae-Fe y Secularidad, Santander-Madrid 1991; Id., *Postmodernidad y Neoconservadurismo. Reflexiones sobre la fe y la cultura*, Verbo Divino, Estella 1991.

a tarefa mais urgente é anular o “equivoco Vaticano II” e sua subsequente “recepção criativa”. A Igreja, dizem os fundamentalistas, está tão voltada para a esfera *ad extra*, em estreita ação ecumênica, macro-ecumênica e com os movimentos populares que perdeu a identidade católica. Também perdeu seu poder, na medida em que foi utilizada ou deixou-se utilizar por outros interesses, sobretudo pelo marxismo, responsável por uma politização da fé, que esvaziou a escatologia de sua dimensão transcendente. A salvação foi reduzida à libertação de contingências temporais. A reflexão da fé, em seu discurso normatizado que é a teologia, em sua forma de “teologia da libertação”, representa a ingerência indevida de outras ciências na teologia, especialmente da sociologia. Para os fundamentalistas, as CEBs se prestam a ser o prolongamento de partidos políticos de esquerda. A formação nos seminários e casas de formação, gera um tipo de padre e de religioso crítico em relação à instituição eclesial, sem amor à Igreja, incapazes de veicular uma identidade forte da mesma diante

das vicissitudes da sociedade e das seitas. Não sabem marcar a diferença entre clero e leigos, dando margem a uma “igreja popular”<sup>21</sup>, que nega o comando querido por Cristo à hierarquia. Em resumo, para os fundamentalistas, a Igreja na América Latina, é uma igreja militantista, zelota, sem espiritualidade.

O novo rumo, só será possível através da formação de um novo tipo de padre<sup>22</sup> e de religioso, da nomeação de um outro tipo de bispo<sup>23</sup>, da expansão de movimentos eclesiais de espiritualidade<sup>24</sup>. O que importa é a religião do coração e do sentimento<sup>25</sup>, com um “corpo de doutrina” claro e reduzido, que torne os católicos aptos a entrar na “disputa do mercado religioso”. Os meios apropriados para a “nova evangelização” são marketing, visibilidade, massa e poder, os mesmos métodos dos pentecostais que fazem tanto sucesso<sup>26</sup>. Trata-se de recuperar a presença pública da Igreja (leia-se de poder), sem medo de mostrar-se (Igreja barroca) e de concorrer com os inimigos (mentalidade de cristandade)<sup>27</sup>. É preciso voltar a praticar a ‘religião pura’, espaço da

21. Cf. B. KLOPPENBURG, *Igreja Popular, Agir*, Rio de Janeiro 1983; Id., “Influjos ideológicos en el concepto teológico de ‘pueblo’”, in CELAM, *Otra Iglesia en la base? Encuentro sobre Iglesia Popular*, Bogotá 1985, p. 97-142.

22. Cf. L. R. BENEDETTI, “O ‘novo clero’: arcaico ou moderno?”, in *REB* 59 (1999), p. 89-123.

23. Cf. Chr. DUQUOC, “Vaticano II et l’Épiscopat: une déception programée”, in *Lumière et Vie* 247 (2000) 7-12.

24. J. RATZINGER-V. MESSORI, *A fé em crise. O Cardeal Ratzinger se interroga*, EPU, São Paulo 1985, p. 27-28. Ver, também, J. COMBLIN, “Os ‘movimentos’ e a Pastoral Latino-americana”, in *REB* 170 (1983) 227-262; J. B. LIBÂNIO, “Movimentos eclesiais atuais e desafios da nova evangelização”, in *Convergência* 26 (1991) 60’-620; M. A. De OLIVEIRA, “O desafio dos novos movimentos religiosos às igrejas cristãs”, in *Revista Teológica* 87 (2000) 221-239, com uma boa análise fenomenológica nas p. 227-236.

25. P. FRESTON, “Pentecostalism in Latin America: characteristics and controversies”, in *Social Compass* 45 (1998) 335-358.

26. Cf. A. P. ORO, *Avanço pentecostal e reação católica*, Vozes, Petrópolis 1996.

27. J. COMBLIN, *América Latina: presente e futuro, esperança e temor*, op. cit., p. 12.

alegria e da experiência de paz e harmonia, distante da contaminação com a realidade social<sup>28</sup>. Para isso, não há necessidade de teologia. Basta a doutrina, de preferência codificada num catecismo. Antes, desconfie-se de toda teologia. A racionalidade arrisca tirar a fé que se descobriu<sup>29</sup>.

### ***O passado como refontização: atualização da experiência originária***

Maneira diversa de revisitar o passado é “voltar às fontes”, tal como conclamou o Concílio Vaticano II, em busca, não de sua repetição no presente, mas de uma recepção criativa em forma de refontização. Embora menos visível, esta tendência, não só está presente no seio do contexto eclesial atual, como está atuando com empenho, sob o dinamismo dos “novos sinais dos tempos”<sup>30</sup>. Prova disso é a postura por uma “segunda recepção” de Vaticano II e por uma decantação e reprojecção do “modelo eclesial latino-americano”, em espírito de serviço e diálogo com o mundo atual. Trata-se, aqui, de não perder de vista a experiência originária da Igreja na América Latina.

Para esta postura, não se pode negar que as quatro Conferências do Episcopado Latino-americano (Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo) geraram um fato novo no Continente, sobretudo em torno a Medellín. Naquele momento, América Latina fez uma “recepção criativa” do Concílio Vaticano II, não só definindo caminhos para levar à prática suas diretrizes,

como ampliando certos temas que haviam ficado a meio caminho na aula conciliar. Questões como “uma Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos”, levantada por João XXIII, as formas de relação e de serviço da Igreja no mundo, a relação da teologia com as “ciências do homem”, a efetivação de uma eclesiologia de comunhão etc., tiveram na América Latina um desenvolvimento tal, que resultou numa grande contribuição à Igreja universal. Diversos são os documentos do magistério pontifício que, mais do que pontualizar resultados de certas buscas, acusam a recepção, no interior da Tradição, de aspectos da revelação postos em evidências pela experiência de fé de nossos povos.

Neste Continente, como indica o magistério latino-americano, o Concílio enveredou pela via profética e libertadora, como forma de serviço da Igreja ao mundo ou pela renovação do “apostolado” e das estruturas da Igreja, através da criação de pequenas comunidades eclesiais e da gestão participativa e orgânica da pastoral, com resultados palpáveis em muitas partes. Essas práticas, ainda que “abraâmicas”, deram origem à Teologia da Libertação, pela primeira vez na história da Igreja no Continente a elaboração de um discurso próprio da fé, pontualizado em Puebla e pelas duas instruções da Sé Apostólica, mas que deu uma contribuição irreversível à tradição teológica da Igreja universal. Questões tais como a normatividade evangélica da opção preferen-

28. C. GUTIÉRREZ Z., “Los nuevos movimientos religiosos, nuevos movimientos sociales?”, in *Religión y Sociedad* 8 (2000) 75-90, aqui p. 79-81.

29. J. COMBLIN, *América Latina: presente e futuro, esperança e temor*, op. cit., p. 14. Ver, também, D. HERVIEU-LÉGER, *Vers un nouveau christianisme?* Ed. Du Cerf, Paris 1986.

30. Expressão utilizada em abundância por Santo Domingo.

cial pelos pobres, pecado social ou estrutural, a dimensão libertadora da fé, a fé em Jesus Cristo como adesão ao sacramento das pequenas comunidades, a necessidade e possibilidade de relação entre opção evangélica e mediação ideológica etc., não são exclusivas para a América Latina. De agora em diante, toda e qualquer teologia deverá confrontar fé e história, libertação integral e libertação histórica, salvação e promoção humana desde os mais pobres.

Longe de aferrar-se a certas conquistas, esta postura não nega, entretanto, a passagem por momentos de crise e a necessidade de uma refundação identitária no seio do novo contexto. Tem consciência, no entanto, de que não foi esta experiência que gerou a crise eclesial atual. A Igreja não está fora do mundo. Inserida no seio de uma sociedade em crise, se ressentem sobretudo aqueles modelos de Igreja e de serviços de pastoral que tentavam conjugar o individual com o comunitário, realidade presente e perspectiva futura, fé e vida, salvação e história, Igreja e sociedade, Reino de Deus e nova sociedade etc. Trata-se, então, de renunciar à utopia evangélica e buscar um refúgio momentaneamente seguro, como são o emocionalismo e o fundamentalismo, ou de lançar-se a uma nova recepção da experiência originária? Em resumo, para esta postura, o fato é que, se a vanguarda está cansada e sem perspectiva no momento, a retaguarda é retrógrada e sem imaginação.

### 1.3. Refundação e Carisma

De forma análoga à Igreja que tem seu fundador, Escrituras, carisma, tradição e instituição, estão os institutos de vida consagrada. Há um carisma expli-

tado e formulado num momento determinado, confiado a uma comunidade particular, conformada por pessoas que vão se sucedendo. Hoje, esta 'explicitação' ou 'formulação' também está em crise, isto é, necessita de uma 'refundação'. O caminho de acesso ao "tesouro" do carisma (a experiência religiosa do fundador), envolto num "vaso de barro" (constituições, regras de vida, normas), se encontra entre duas balizas, nem sempre visíveis, e muito menos por todos.

### *A superabundância de sentido do texto*

Em primeiro lugar, a identidade de um instituto não são as regras; elas são meio. Antes que as idéias e intuições do fundador ou fundadora fossem colocadas por escrito, elas foram vida. Portanto, o que foi escrito, é para ajudar a conectar com o mistério e a riqueza do vivido. Por detrás das palavras está uma pessoa, um carisma, uma comunidade, uma obra. Elas precedem o texto e são uma baliza para sua interpretação. Uma postura fundamentalista, sacraliza as regras, que são puros meios e faz de conta que observando materialmente as regras, se alcança o fim. Os meios podem esconder o fim, mas quando se tornam fim em si mesmo, inevitavelmente desviam do fim.

Em segundo lugar, um texto é sempre muito mais do que a letra e do que seu autor pensou codificar. As palavras, por mais oportunas que sejam, sempre serão inadequadas para expressar uma experiência de um ser tão complexo como é o ser humano, e muito mais em se tratando de uma experiência de Deus, de quem só podemos falar desde nós mesmos e, portanto, de maneira imperfeita.

Em terceiro lugar, inevitavelmente, ler é reler, ou seja, é tirar ou dar ao texto



outros sentidos, um outro sentido que o autor não havia explicitado, mas que estava implícito, ou um outro sentido que a letra encerra ou esconde. Trata-se da explicitação do sentido nele contido, mais além das leituras feitas até então. Como a intuição que ele encerra é transcultural, não produto de uma cultura, ainda que gestado desde uma determinada cultura, por tratar-se de um dom do Espírito, sua inculturação em diferentes contextos, ajuda a colocar em evidência sua superabundância de sentido, tornando o carisma 'novo' em cada lugar e época. Já os defensores das leis como identidade buscavam regras claras e bem definidas. Para eles, o Evangelho não serve como fonte identitária, precisamente por não conter regras rígidas.

### ***A hermenêutica como recontextualização***

O texto que carrega o 'tesouro' do carisma, tem um contexto, e muito concreto. Ele se inscreve numa época determinada, com seus desafios e contradições, que o carisma buscará ser resposta desde a fé. Embora inscrito numa cultura, o carisma entretanto é transcultural e,

portanto, capaz de encarnar-se na diversidade das culturas. Apresenta-se, então, o desafio de fazer a passagem do contexto de ontem, que já não existe, ao contexto de hoje, com seus desafios e contradições, que a esta situação e somente a esta o carisma pode e deve responder hoje. São novos os 'sinais dos tempos', em relação àqueles que o carisma, ontem, procurou responder. E diante de novas perguntas, novas respostas, mas sempre fiéis à intuição original, sob pena de perder a especificidade do carisma. Seria anti-histórico um carisma que continuasse respondendo a perguntas que ninguém mais as faz.

Apresenta-se, aqui, a inevitável e difícil tarefa da hermenêutica da formulação do carisma ou de sua refundação. Em outras palavras, trata-se de perguntar: quais as implicações de nosso contexto, da situação dos dias de hoje, para a vivência do carisma? Contextos não se trasladam, nem de lugar, nem de épocas. Carisma, dom do Espírito para o bem da Igreja universal, se atualiza, recontextualizando-o. Como? Dando-lhe uma nova formulação, uma nova compreensão, de modo que possa tornar-se pertinente para seus novos contemporâneos.

## **2. REPROJEÇÃO DA MISSÃO**

"A Igreja existe para evangelizar", definiu Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*. Sua identidade é essencialmente seu carisma, ao serviço do qual se estruturam a missão e a instituição. Dado que seu "ser" precisa de constante refundação, seu "fazer" histórico, que brota de seu "ser", não escapa à necessidade de uma constante reprojeção.

Partindo-se do pressuposto que a missão da Igreja é evangelizar, trata-

se de perguntar o que significa agir como Igreja na urgência do presente. A reprojeção da missão, entre outras coisas, parece hoje ter que atinar para duas tarefas principais: encarnar o Evangelho no coração das culturas e participar na conquista das grandes aspirações da humanidade. A missão da Igreja não é criar "homens do *stabliment*", mas seguidores de Jesus, comprometidos com seu Reino.

## 2.1. A evangelização enquanto inculturação

Após a “descoberta das culturas” e das religiões como sua alma, já não se pode evangelizar como antes. É um acontecimento que rompe com toda miopia etnocêntrica e faz tomar consciência de que a Igreja, ao fazer-se presente na diversidade dos povos, é também uma realidade pluricultural<sup>31</sup>. Conseqüentes com o mistério da Encarnação, evangelizar, não consiste em simplesmente anunciar uma doutrina ou incorporar pessoas à Igreja mas, antes de tudo, encarnar o Evangelho na diversidade das culturas<sup>32</sup>. Trata-se de um processo, não na ótica de uma “evangelização das culturas”, mas de uma “evangelização inculturada”. O primeiro paradigma parte do evangelho e se presta à implantação de uma Igreja monocultural; os destinatários do evangelho são receptores passivos de um evangelho já inculturado e objetos da evangelização. O segundo, parte da cultura e de seus respectivos sujeitos, propiciando o surgimento de Igrejas culturalmente novas. Aqui, não é tanto o evangelho que se incultura, mas os sujeitos da cultura que incorporam a seu modo o evangelho.

Ao contrário de uma certa “nova evangelização”, que acredita ser nova por

que incorpora meios modernos para fazer o de sempre, uma evangelização inculturada segue a pedagogia tão bem identificada por *Evangelii Nuntiandi* – primeiro, respeitando a obra de Deus já presente nas culturas e o “sacrário da consciência” dos interlocutores, levar a cabo uma evangelização implícita; depois, felizes por haver “recebido de graça” o dom do evangelho, propô-lo com amor, oferecendo os meios necessários para que os destinatários possam, desde a livre adesão, encarná-lo em suas culturas.

Seguindo a pedagogia de Jesus, poderíamos ousar explicitar esses dois momentos e seus respectivos passos<sup>33</sup>.

Como evangelização implícita, implicaria, num primeiro passo, ser *presença testemunhal ou de empatia*. Seguindo o dinamismo do mistério da Encarnação, antes de tudo, evangelizar significa inserir-se gratuita e respeitosamente no contexto onde se quer desencadear um processo de evangelização inculturada<sup>34</sup>. Trata-se, na linha de *Gaudium et Spes*, de solidarizar-se com os problemas, as alegrias e as tristezas, as angústias e as esperanças do povo que se quer evangelizar, pois, antes de tudo, evangelizar significa testemunhar uma atitude de respeito e de acolhida das culturas por causa de

31. CRISTIANISME I JUSTÍCIA, *El Tercer milenio como desafío para la Iglesia*, op. cit., p. 15-16.

32. CNBB, *Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio”. Olhando para a frente*, Brasília 2000, p. 29. Ver, também, P. SUESS, “Evangelização e inculturação. Conceitos, questionamentos, perspectivas”, in M. FABRI DOS ANJOS (org.), *Inculturação: desafios de hoje*, Vozes, Petrópolis 1994, p. 34-38.

33. Retomo, aqui, o que está exposto de maneira mais completa em A. BRIGHENTI, *Por uma evangelização inculturada. Princípios pedagógicos e Passos metodológicos*, Ed. Paulinas, São Paulo 1998. Sobre a inculturação como tarefa pastoral, ver K. AKENDA, “Inculturation comme orthopraxis chrétienne. Prolègomènes a une philosophie et une théologie de la culture”, in *Revue Africaine de Théologie* 44 (1998) 181-214, aqui p. 191ss.

34. G. NEIRA, “Una dimensión de encarnación: la evangelización inculturada”, *Teológica Xaveriana* 105 (1993) 67-85, aqui p. 71.

Deus e da obra que ele realizou no seio das culturas<sup>35</sup>. Segundo, estabelecer uma *relação dialógica ou de simpatia* entre agentes e membros da cultura, de tal maneira que, num clima de confiança, ambas partes expressem seu mundo existencial, pronunciem sua própria palavra e cultivem a capacidade de escuta e de apropriação que requer toda conversação genuína. Evangelizar “não é ignorar nem impor”<sup>36</sup>. Terceiro, *identificar e reconhecer os valores da cultura como “sementes do Verbo”* pois, sabemos que as culturas, tanto em sua dimensão simbólica quanto em sua dimensão ética são eco da voz de Deus que sempre se dirige à sociedade e a cada subjetividade humana. Sobretudo as religiões, como alma das culturas, são *reações* à ação primeira de Deus e caminho da divindade para as culturas.

Dados esses passos, só então poder-se-ia passar ao segundo momento do processo, o de uma evangelização explícita. Para isso, primeiramente trata-se de *anunciar amorosa e respeitosa a positividade cristã*. Depois de reafirmar que “o deus da cultura” era o Deus de Jesus Cristo presente e atuante na história de todos os povos, trata-se de revelar explicitamente este Deus, de dar a conhecer a

positividade cristã. A tarefa do evangelizador, neste passo, consiste unicamente em facilitar o texto da Bíblia, a história do texto, a tradição de sua interpretação e criar o contexto eclesial comunitário de fé necessário para ler e interpretar a Mensagem<sup>37</sup>. Um segundo passo consiste em chegar a uma *mútua evangelização explícita ou reflexão crítica*, ou seja, não somente dos agentes em direção aos membros da cultura, como também dos próprios membros da cultura em relação aos agentes. Trata-se de cada uma das partes ajudar à outra a não absolutizar a própria cultura diante da transcendência do Evangelho<sup>38</sup> e nem seu modo de apropriação do mesmo. De um lado, se trata de *in-culturar* a Mensagem e, de outro, de *ex-culturar*<sup>39</sup>. Finalmente, chega o momento da *apropriação ou assimilação sintética*, que consiste em operar uma simbiose entre Evangelho e cultura, tanto da parte dos membros da cultura que entra em contato com o Evangelho, como da parte dos evangelizadores que, se de fato, estabeleceram uma relação dialógica com os novos membros, não saem os mesmos deste encontro<sup>40</sup>. Ao contrário de uma relação sincrética que, diante do dado novo, aceita o sinal, despojando-o de seu signi-

35. A. SALVATIERRA, *Inculturación y Teología*, Seminario “El diálogo fe y cultura”, ITEPAL 15-23 de noviembre de 1993, policopiado, 24 p., aquí p. 11.

36. P. CASALDÁLIGA, “Opción por los pobres, inculturación y comunitariedad”, *Iglesia Viva* 157 (1992) 67-76, aquí p. 72.

37. Pablo RICHARD, *Por una Evangelización liberadora de la cultura*, op. cit., p. 33.

38. Sobre o caráter transcultural do Evangelho, cfr. L. A. CASTRO, *Beber en el pozo ajeno. Evangelización y encuentro intercultural*, Ediciones Paulinas, Santafé de Bogotá 1993, 105 p.

39. D. IRARRAZAVAL, *Práctica y teología en la inculturación*, op. cit., p. 33. Chama atenção o autor que, como cada um tende a absolutizar o próprio, por um lado inculturamos o Evangelho e por outro o exculturamos de fatores ideológicos.

40. Alguns autores denominam este passo como “assunção”, P. SUESS, *Evangelizar os pobres e os outros a partir de suas culturas*, op. cit., p. 381; Id., *No Verbo que se fez Carne, o Evangelho se faz cultura*, *REB* 54/213 (1994) 36-49.

ficado original e substituindo-o por outros significados, numa relação sintética, aceita-se o significado original do dado novo, incorporando-o em seu próprio universo simbólico, através de reajustes e modificações até conseguir uma estabilidade e coerência da estrutura cultural modificada.

O resultado de um processo como este é o *surgimento ou crescimento de Igrejas culturalmente novas*, com "fisionomia própria", como diz *Evangelii Nuntiandi* (n. 63). Trata-se mais de "criação" de uma Igreja particular autóctone, sustentada por uma eclesialidade pluriforme<sup>41</sup>, do que de simples "implantação", tal como a Encarnação é um "assumir sem aniquilar", o surgimento de uma Igreja com "rosto próprio" significa "inculturar sem identificar"<sup>42</sup>.

## 2.2. O ser humano como caminho da Igreja

O Papa João Paulo II tem dito que "o homem é o caminho da Igreja"; ele é "a glória de Deus", na expressão de Santo Irineu. Isto implica a superação da mentalidade teocentrista de cristandade e de seu conseqüente eclesiocentrismo ou de uma ação meramente *ad intra*, na esfera do espiritual. O cristianismo, como toda autêntica religião, nasce da vida e se dirige à vida. Do contrário, é alienação e não libertação integral.

### A missão da Igreja enquanto presença global

O evangelho da vida e, dentro dele, o evangelho social, leva a Igreja a encarnar

"toda a fé em toda a vida", ou seja, a sintetizar-se com as grandes aspirações da humanidade. A religião como salvação descentra a Igreja de si mesma e lança-a numa missão não exclusiva. O cristianismo, como toda religião, busca dar uma resposta às questões fundamentais do ser humano. É portador da resposta mais completa, mas não a única. Conseqüentemente, os cristãos, que partilham o destino dos homens e mulheres do mundo, não podem situar-se à margem das grandes causas da humanidade. Trata-se de agir no coração da história, mas não sós. Desafios tais como pobreza crescente, urgência de uma nova ordem internacional, direitos humanos, democracia, racismo, emancipação da mulher, dívida externa, ecologia humana etc., dizem respeito também ao Evangelho. O Concílio Vaticano II, ao caracterizar a Igreja como 'novo Povo de Deus', na verdade, quis abri-la à história e torná-la servidora "de todos, em especial dos mais pobres".

Assim, é na medida em que as religiões, incluído o cristianismo, consigam descentrar-se de seus problemas internos e situar-se no mundo, em espírito de colaboração e diálogo, tal como protagonizou o Concílio Vaticano II, que poderão encontrar o sentido mais profundo de seu ser e de sua missão. A fraternidade universal e uma humanidade "com vida em abundância" é a vocação missionária a que o cristianismo está chamado a ser sinal e sacramento, na debilidade e grandeza de sua história<sup>43</sup>. Não como uma obrigação. Ten-

41. D. IRARRAZAVAL, *Práctica y teología en la inculturación*, op. cit., p. 38. Santo Domingo afirma que "a tarefa de inculturação da fé é própria das Igrejas particulares sob a direção de seus pastores, com a participação de todo o Povo de Deus", n. 230- § 3.

42. P. SUESS, *Evangelizar os pobres e os outros a partir de suas culturas*, op. Cit., p. 381.

43. A. T. QUEIRUGA, *El cristianismo en el mundo de hoy*, op. cit., p. 37-40.

do encontrado o tesouro, dá-se de graça com alegria, sem angústias e imposições. O dever perverte o dom em carga<sup>44</sup>.

### ***O desafio da alteridade, em particular da alteridade negada***

Imersos num mundo cada vez mais pluralista, cabe à Igreja aprender a conviver e a agir em colaboração com o diferente. Este, não é necessariamente um inimigo ou um herege, tal como para a Igreja da cristandade. É instância para o exercício da caridade, fonte de enriquecimento e caminho para o grande Outro.

Na relação com a alteridade, evangelicamente, impõe-se o imperativo da opção pela alteridade negada: ir a todos desde os pobres, pois são o prolongamento da Paixão de Cristo no mundo. Num "mundo de crucificados", a solidariedade com os pobres é a chave da opção evangélica<sup>45</sup>. A Igreja, imersa numa sociedade em que a brecha entre ricos e pobres não cessa de crescer, não pode ficar indife-

rente frente aos dois terços da humanidade, "filhos órfãos" (L. Boff) do atual processo da globalização competitiva. Entretanto, neste particular, não cabe só à Igreja, especialmente na América Latina, pensar só *terceiro-mundo*. Desafia a todos os cristãos o *mundo dos dois terços* de soberantes, excluídos desta dinâmica, tanto no Terceiro quanto no Primeiro Mundo<sup>46</sup>. Aqui, está em jogo a própria credibilidade da Igreja, pois como é possível ser cristão sem viver o Evangelho ou como pregar o Evangelho sem praticá-lo? Depois de mais de dois mil anos de cristianismo, a opção pelos pobres na Igreja ainda se encontra em níveis próximos à tibieza<sup>47</sup>. Do Evangelho, ademais, decorrem princípios de organização da vida social, como a centralidade da dignidade da vida humana, sem descuidar de outras formas de vida. É o exercício da catolicidade da Igreja, que nos torna sensíveis à família humana e nos faz sentir irmãos de todos.

## **3. RENOVAÇÃO INSTITUCIONAL**

Da *refundação identitária* (a experiência originária situada na urgência do presente) e da *reprojeção da missão* (o 'fazer' que emerge de um 'ser' em consonância com a urgência do presente e em fidelidade à experiência originária), brota a necessidade de renovação da institui-

ção. Trata-se, agora, de ver até que ponto as formas de organização ou as estruturas deixam transparecer a experiência originária no contexto atual. A Igreja ou um instituto de Vida Religiosa se faz realidade numa comunidade. À luz do 'ser' e do 'fazer' é preciso ver como se vive e

44. *ibid.*, p. 32.

45. G. GUTIÉRREZ, "Gratuidad y fraternidad", in *Páginas* 164 (2000) 28-36, aqui p. 32-33; *Id.*, "Situación y tareas de la teología de la liberación", in *Revista Latinoamericana de Teología* 50 (2000) 101-116, aqui p. 106-114.

46. Cf. J. M. CASTILLO, *Escuchar lo que dicen los pobres a la Iglesia*, Cuadernos Cristianisme i Justícia n. 88, Barcelona 1999.

47. J. I. GONZÁLEZ FAUS, "Por una reforma evangélica de la Iglesia", *Diakonia* 77 (1996) 11-34, aqui p. 11.

com que autenticidade se realiza a comunidade cristã. As estruturas são um elemento fundamental da visibilidade da Igreja e, por isso, afetam decisivamente seu caráter de sinal ou sacramento<sup>48</sup>. A instituição, em si mesma, precisa constituir-se em motivo de credibilidade.

### 3.1. Carisma e instituição

A Igreja é divina e humana, carisma e instituição, um corpo a serviço do carisma que lhe foi confiado, e que faz parte igualmente de seu ser. Sem instituição, o carisma é um ideal incapaz de encarnar-se na história. Ela é a mediação que permite essa encarnação. O mais importante, entretanto, não é a mediação, mas o que ela representa ou está chamada a representar. A instituição, não somente é relativa frente ao carisma, como deve estar a serviço dele. Historicamente, como toda instituição, a Igreja é conformada por pessoas. E como é próprio dos humanos a imperfeição, ela precisa estar sempre aberta a deixar-se evangelizar pela própria mensagem que ela veicula. Está chamada a reconhecer suas infidelidades ao carisma que ela carrega, o que obstaculiza sua realização histórica. Conceber a instituição como mediação para a historicização do carisma implica colocá-la em permanente estado de mudança, adaptando-a às diversas circunstâncias sempre que sua forma de ser mostra-se inapta a encarnar o carisma em seu contexto presente.

De forma análoga à instituição eclesial estão os institutos de vida consagrada. O carisma intuído pelos fundadores foi levado à prática através de uma instituição, organizada e estruturada segundo as necessidades e à realidade de uma

época determinada. Inevitavelmente, aquela forma de ser, quando transplantada para outra realidade, numa outra época, precisa encontrar um novo jeito de ser para que o carisma possa continuar vivo, pertinente e relevante no novo contexto. Isso porque as instituições, incluída a Igreja e os institutos de vida consagrada, são também fatores culturais. Eles existem e só podem existir encarnados nas culturas. Não existe Igreja fora da cultura, como não há a possibilidade da existência de carismas e sociedades de vida apostólica, sem o suporte de uma cultura. Assim, tanto melhor se veicula e se encarna um carisma, quanto mais a instituição estiver inserida e for resposta aos desafios de seu meio concreto.

### 3.2. Dois extremos a evitar: a iconoclasia e a idolatria

No terreno da institucionalização do carisma, há dois extremos a evitar. Por um lado, está a tentação da *iconoclasia*, ou seja, a presunção de poder prescindir da instituição – organização, regras, estruturas etc., no exercício da missão. Diante da atual crise generalizada das instituições, esta pode ser a tentação dos que, estando no seio de estruturas obsoletas, buscam viver com mais radicalidade as exigências do carisma, partindo do princípio de que todos os seguidores do carisma estão suficientemente convertidos ao ideal e imbuídos de seus deveres correspondentes e que toda forma de institucionalização é um obstáculo à vivência deste ideal. A característica do espírito de utopia consiste precisamente em subestimar a força das instituições. São Francisco de Assis, por exemplo, resistiu a

48. *ibid.*

estruturar seu 'movimento', pois toda regra diminui o evangelho, reduzindo-o ao mínimo. Ele queria o máximo. O anarquismo não deixa de expressar um certo pudor pelo ideal, a ponto de buscar evitar enquadrá-lo em determinados parâmetros. Têm-se a impressão de que a estrutura é sempre uma camisa-de-força sobre o carisma, acabando por aprisioná-lo e, a longo prazo, esvaziá-lo de seu significado. Entretanto, a missão, sem o suporte de uma instituição, pouco a pouco cai na dispersão e os grupos defensores de uma postura tão radical normalmente experimentam o desânimo, culminando com sua dissolução.

A tentação mais comum diante da instituição, porém, é a *idolatria*, dado que, normalmente, a insegurança diante do risco do novo, quase que instintivamente leva a fundar a estabilidade nas normas e nas regras. A idolatria sacaria a instituição, privando-a de toda crítica e consequente reforma. No caso da Igreja, a instituição se torna um fim em si mesma, impedindo a transparência da experiência originária, ou seja, do carisma, quando é apenas um meio e suporte para a missão. Neste caso, o que interessa, em última instância, é a Igreja e não o Reino, do qual ela é sinal e instrumento, como diz o Concílio Vaticano II. Ora, evangelizar, não é implantar a Igreja ou incorporar as pessoas à Igreja. Sua missão está além de si mesma, da qual é apenas meio, ou seja, a plenificação da vida de todo o gênero humano, numa grande família, em Deus<sup>49</sup>.

A idolatria, por um lado, endurece a instituição. As estruturas tornam-se rígi-

das e fixas. A 'tradição' tende a confundir-se com 'fossilização', ao contrário do que chamou atenção o Vaticano II de que "a tradição progride". Frente a qualquer crítica, exigir-se-á "amor à Igreja", como se fosse ela, em última instância, o que interessa na missão. Tocar em suas estruturas, supõe-se sempre querer destruir a Igreja. É como se estivesse em 'estado de guerra', em que qualquer reflexão crítica enfraquece a resistência. O medo exagera o perigo, cria monstros, tem visões apocalípticas<sup>50</sup>. Por outro lado, a idolatria da instituição pouco a pouco vai criando um mundo à parte, artificial, a-histórico, sem que se tenha clara percepção disso. Diante de um mundo que se lhe apresenta cada vez mais hostil, opera-se uma gradativa separação entre sagrado e profano, acabando por confinar a Igreja à esfera do religioso ou do espiritual. Busca-se construir uma fortaleza para impedir influências do 'mundo exterior'<sup>51</sup>. Logo aparecerá a necessidade de apresentar-se diferente, morar diferente, marcando a distância entre o sagrado de Deus e o profano dos homens. Tudo o que é diferente de si próprio é perigoso e, por isso, é preciso proteger o tradicional. Por sua vez, a teologia tende a tomar distância das ciências; a Igreja católica, das Igrejas separadas; o cristianismo, das religiões; a evangelização, da promoção humana etc.

### 3.3. A instituição como suporte do ser e da missão

As estruturas estão para a missão e não a missão para as estruturas. A comu-

49. A. T. QUEIRUGA, *El cristianismo en el mundo de hoy*, op. cit., p. 16-17.

50. Cf. J. COMBLIN, *Custos quid de nocte?* (inédito), p. 24.

51. *ibid.*

nidade, entretanto, com suas conseqüentes estruturas, é essencial a toda religião. O que vivemos e cremos, não o descobrimos nós mesmos, mas recebemos de outros. Não há possibilidade humana de manter algo vivo na história sem estar apoiado numa comunidade, em outras palavras, numa instituição. Apesar do crescimento do número dos "cristãos sem Igreja" (L. Kalakowski), uma comunidade organizada é essencial a toda religião, pois, por um lado, é através dela que seus futuros adeptos poderão conectar com a experiência originária (recepção) e, por outro, passar adiante esta mesma experiência (transmissão). A tradição necessita das comunidades. Sem ela, por mais carismáticas que sejam as individualidades, é impossível manter vivo um carisma na história. Como afirma M. Eliade, a estrutura eclesial é uma estrutura hierofânica, isto é, uma realidade mundana que traz presente o divino, ainda sem poder nunca identificar-se com ele. Seu limite é sua natureza mundana e sua legitimidade está em fazer-se transparente do divino, sem jamais pretender tomar seu lugar<sup>52</sup>. Por isso, toda absolutização de estruturas é uma idolatria, na medida em que se está absolutizando o relativo e relativizando o absoluto. É quando o carisma se torna poder<sup>53</sup>.

Das estruturas em função da missão deriva uma *ecclesia semper reformanda*<sup>54</sup>. Dado o dinamismo da história, os novos desafios e 'sinais dos tempos', mudam as características e a forma da missão. Mudando a forma da missão, conseqüente-

mente precisam ser mudadas as estruturas que lhe dão suporte.

### 3.4. Instituição eclesial e democracia

A democracia, apesar de todos os seus defeitos, é ainda o modo de gestão do poder mais perfeito. É também um dos grandes valores da humanidade, que a Igreja ainda não acusou recepção em sua esfera interna. A democracia é a tomada de consciência de que a sociedade, incluídas as instituições, não é nem 'natureza' (está aí como os seres inanimados) e nem algo intocável (como sagrada, dada diretamente por Deus).

Mas, não partamos do conceito moderno de democracia, uma forma de gestão de poder operada normalmente através de uma representação falseada. Refiramo-nos à Igreja como *koinonia* do Novo Testamento, uma estrutura colegial, tecida desde as necessidades da evangelização, sob o dinamismo do Espírito<sup>55</sup>. Aliás, é fundamental compreender a Igreja enquanto realidade histórica desde a pneumatologia e não só desde a cristologia. Jesus instituiu a Igreja, mas ela foi sendo constituída no Espírito, com a participação da comunidade, fundada em critérios emanados pelo evangelho tais como "quem quiser ser grande, que seja o escravo de todos"; "o maior é quem se faz o menor" (cf. Mc 10,42-44; Mt 20,24-28; Lc 22,24-27) etc. Pois bem, passados mais de dois mil anos, por razões diversas, o fato é que a Igreja se constitui hoje no último reducto autoritário do Ocidente, quando, como instituição divina e humana, faz

52. A. T. QUEIRUGA, *El cristianismo en el mundo de hoy*, op. cit., p. 15.

53. Cf. L. BOFF, *Igreja: carisma e poder. Ensaios de eclesiologia militante*, Vozes, Petrópolis 1981.

54. Cf. K. RAHNER, *Cambio estructural de la Iglesia*, Madrid 1974.

55. CRISTIANISME I JUSTÍCIA, *El Tercer milenio como desafío para la Iglesia*, op. cit., p. 13-14.



parte de sua missão, fazer transparecer o divino no humano e, portanto, ser um exemplo de instituição para as demais instituições. Independente de se a Igreja é ou não uma democracia, ser anti-democrático é ser anti-evangélico. Na realidade, a Igreja como *koinonia* vai além da democracia. O Evangelho vai mais longe de uma democracia formal. Hierarquia não é antonómia de democracia, assim como a uma Igreja hierárquica não corresponde uma instituição monárquica. Evidentemente, estamos falando aqui, não da 'origem' do poder na Igreja (a Igreja enquanto potestade de Deus), mas de sua gestão, que deve seguir os princípios evangélicos, quais sejam, ausência de toda sorte de autoritarismo e respeito à dignidade das pessoas, a serviço de quem devem estar sempre as estruturas. Certas formas de poder, às vezes ditas 'emanadas do espírito do evangelho', não passam de heranças históricas, fruto da imitação de poderes temporais<sup>56</sup>.

### 3.5. Atitudes para uma renovação institucional

Além de se repensar as instituições sempre depois da reprojeção da missão, para renová-las, algumas atitudes precisam ser levadas em conta.

*Saber inovar.* Inovar implica inovar-se. Renovar a instituição depende de um renovar-se constantemente. Para isso, não basta uma mudança de mentalidade. Exige-se uma mentalidade de mudança, que nos habilite a estar em contínua busca e ter consciência da relatividade da verdade identificada. Os "homens do establishment" são incapazes de renovar estrutu-

ras. Diante da insatisfação, irão enriquecê-las ainda mais. Só os que guardam uma distância prudencial em relação à instituição são capazes de torná-la viva, flexível, dinâmica, porque estarão sendo sujeitos dela. Sem questionar-se ou deixar que se questione a instituição, inviabiliza-se qualquer tipo de mudança. Também é preciso questionar o próprio questionamento, a própria busca, pois quem faz um questionamento, tem o dever moral de abrir-se ao questionamento e de assumir com humildade, realismo e valentia suas conseqüências.

*Saber desconstruir.* Para inovar, é preciso saber desconstruir. Não com martelo (destruir), mas com chave de fenda (desmontar). Sem desmontar o obsoleto, o a-histórico, as estruturas defasadas no tempo, é impossível dar cabida ao novo. Desmontar e não destruir, pois o avançar depende da experiência do passado e do "material" acumulado. A experiência é a mestra da vida, à condição de saber aprender com ela. Destruir é desprezar o passado e os antepassados; é suscitar animosidades e opositores à mudança. Desconstruir é potenciar um futuro, já no presente, alicerçado nos sólidos fundamentos da experiência do passado.

*Saber reconstruir.* Quem tem consciência histórica, ama a Igreja e tem compromisso com o futuro, não desconstrói para destruir, ao contrário, desconstrói para construir algo novo e melhor. Age muito diferente quem desconstrói para reconstruir de quem desconstrói para destruir. Os que destroem, podem até fazê-lo com emoção, mas o farão sempre sem paixão,

56. *ibid.*, p. 19-20. Ver, também, Y. CATTIN, "Pouvoir, autorité et liberté dans l'Église", in *Lumière et Vie* 247 (2000) 23-43, mais concretamente - poder para a comunhão p. 25-28; poder 'democrático' p. 42-43.

sem amor. Os que realmente amam, quando corrigem, nunca destroem, sempre desconstroem para reconstruir. Agem desde a verdade que liberta. Daí que, para reconstruir, faz-se necessário espaços de

liberdade, de criatividade e de ensaio comunitários. Destruir, pode-se fazê-lo sozinho, reconstruir, jamais. É sempre fruto de buscas e discernimentos conjuntos. É um ato social, eclesial.

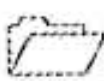
## A MODO DE CONCLUSÃO

A fé nos situa no mistério pascal, marcado pelo êxodo e a exigência do 'nascer de novo' e também na realidade nua e crua de um mundo cada vez mais dinâmico e pluralista. As identidades, capazes de situarem-se numa relação dialogal com esse mundo, são aquelas que continuamente se refundam desde a urgência do presente, na fidelidade à experiência originária. A identidade brota do carisma e não da instituição. Na insegurança do presente, refugiar-se na pretensa clareza de normas ou de leis é perverter o dom em dever, reduzindo-o a uma carga. A missão, por sua vez, articula-se desde o carisma situado na urgência do presente e não desde a instituição, que está a seu serviço. Mais importante que a identi-

dade e a instituição é a missão – "a Igreja existe para evangelizar". Trata-se de uma tarefa, não estritamente espiritual ou religiosa, mas sintonizada com as grandes aspirações da humanidade, da qual os cristãos partilham o mesmo destino. Entre elas, apresenta-se o desafio da inculturação, bem como da alteridade negada, desde onde se articula o ideal evangélico de uma fraternidade universal. Finalmente, como suporte da missão, está a instituição, fundamental para a visibilidade da Igreja enquanto sacramento do Reino. Também as estruturas precisam converter-se em motivo de credibilidade, uma vez que têm como função, em última instância, deixar transparecer o divino no humano.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Que sinais manifestam a necessidade de uma refundação do carisma de meu Instituto?
2. Que ações apostólicas de meu Instituto sintonizam com a realização das grandes causas da humanidade?
3. Diante da missão de meu Instituto na emergência do presente, que estruturas mostram-se obsoletas e que novas estruturas necessitam ser criadas?

 O autor é Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina, atualmente professor de Teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) e na Universidade Pontifícia do México (UPM) e de Filosofia na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Endereço:

Caixa Postal: 5041

88040-970 - Florianópolis - SC

# A Arte de formar-se no Limiar do Novo Milênio\*

J. B. LIBANIO

O "novo milênio" já chegou e ainda não chegou. Chegou na cronologia dos números. E ainda não chegou na verdadeira novidade com que todos sonhamos. Onde está a novidade de nossos desejos de uma humanidade de irmãos e irmãs sem as terríveis fronteiras da morte precoce, da discriminação racial, da exclusão que pesa sobre continentes, países, grupos humanos? Onde está a novidade do mundo com que sonhava Martin Luther King em que as crianças negras da África, saudáveis e felizes, brincassem com as lourinhas arianas dos países ricos? Onde está aquele mundo em que com um passaporte de Burundi você entra acolhidamente em qualquer aeroporto do mundo? Onde está a novidade de um saber difundido e posto a serviço de todos, sem as escandalosas "reservas" de conhecimento para prolongar as dependências? Onde está a novidade da consciência planetária que liga o ser humano em todas as direções sem barreiras de preconceitos, de visão exploradora da natureza, fundada na comunhão de todos os seres, brotados da mesma fonte do Mistério divino? Onde está a novidade da globalização da solidariedade, da fraternidade universal, do amor entre todos?

De fato, continuamos no velho e estragado milênio que uma cultura da dominação criou e mantém. No entanto, toca-nos pensar como **formar uma geração, se não para morar, ao menos, para ir construindo a novidade do verdadeiro milênio de nossas utopias.**

## ÀS VOLTAS COM A ETIMOLOGIA

O tema gira em torno da **formação da nova geração**. Os lingüistas alertam-nos para duas coisas. A etimologia mantém o termo sempre preso a sua origem primeira. E ela nasce de uma expe-

riência humana que o vocábulo pretende fixar na sua letra. A palavra "formação" esconde dentro de si "forma" ou, se quisermos, o termo mais forte ainda "fôrma". Nos dois casos, está a idéia de que

\* Este artigo foi amplamente explanado no livro do próprio autor – *A Arte de formar-se*, S. Paulo, Ed. Loyola, 2001.

existe um molde anterior a ser aplicado ao aluno. Passividade de sua parte. Imposição e autoritarismo de outra. Esconde a experiência de uma cultura patriarcal, tradicional, em que as pessoas se sentem submetidas à imposição de fora.

A **“formação” no novo milênio tem de exorcizar a sua etimologia, pensando-a como “processo educativo”, como verdadeira “maiêutica histórica”<sup>1</sup>, como “descobrir um tesouro”<sup>2</sup>**. Esse outro conjunto semântico quer traduzir nova concepção da relação que o termo “formação” condicionava numa determinada linha.

**Estamos diante de um “processo educativo”**. Proceder na sua origem latina conota “avançar, ir para diante”. É isso que se busca. Que a nova geração caminhe, avance. Mas de que maneira? Educar revela a ação de “tirar para fora” aquilo que já existe, de certa maneira, dentro da pessoa. É descobrir, desvelar, revelar as riquezas que o criador já escondeu no coração de todo o ser humano.

A imagem socrática da “maiêutica” vai na mesma linha. O adjetivo “histórica”, acrescentado por A. Torres Queiruga, tem a vantagem de corrigir a concepção platônica de uma contemplação das puras idéias antes da existência aqui na terra.- Conserva o mais profundo da educação como o ofício da parteira – *maieía* – que permite nascer a criança ainda velada no seio materno. E isso não se faz por um ato isolado, mas ao longo da história, da existência. O parto está sempre a acontecer. Nunca se nasce totalmente na história. O nascimento definitivo se faz na e com a morte. Até lá são sucessivos nascimentos que vão configurando a pessoa no dinamismo de seu crescimento.

Já temos uma pequena conquista para a “formação” no novo milênio. Que não seja a imposição de uma “fôrma”, mas um processo cujo principal protagonista seja a pessoa do formando com enorme respeito a sua singularidade, a tudo o que já é. Implica da parte dele forte motivação para assumir esse duro parto de si mesmo. Em três palavras: processo personalizado, motivado.

## OS PILARES DA FORMAÇÃO

Neste artigo, deixei-me inspirar nas suas grandes linhas pelo relatório organizado por J. Delors a pedido da UNESCO, tecendo uma paráfrase em vista da Vida Religiosa e, portanto, introduzindo novidades e modificações. Das cinco expressões, quatro soarão iguais na sua forma lexicográfica: Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver com os outros e aprender a ser. Criei um novo pilar tipicamente teologal: aprender a discernir a vontade de Deus. Ele será abordado no final.

1. A. TORRES QUEIRUGA, *A revelação na realização humana*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 113-117.
2. *Educação. Um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, org. por J. Delors, Edições ASA, UNESCO.

**Estamos diante de uma geração que aprende muito.** Nunca as anteriores tiveram as mesmas facilidades de informação. Basta um CD para carregar consigo toda a Enciclopédia Britânica. Basta um microcomputador para fazer rodar diante de si milhões de dados. Basta um clique e ei-nos conectados pela Internet com mais de um bilhão de possíveis “portais” informativos. O número dos “sítios” de notícias, de dados, de possíveis encontros virtuais já escapa a qualquer visualização.

Diante desse novo universo de imagens, hábitos vão criando-se de um borboletear de “sítio” a sítio, de “portal” a portal, de canal a canal. A inteligência e a memória navegam com a velocidade parecida com a da luz de modo que nada se lhe adere. É a pura sensação. Adrenalina em vez de pensamento. Nesse momento, entra o que significa “aprender a conhecer”, “aprender a pensar”. Algo muito distante do freqüentar essas fontes borbulhantes de informações. Pertence a outro gênero de registro mental.

**O segredo de aprender a conhecer é saber relacionar e contextualizar.** É perceber que cada conhecimento pertence a um conjunto e se situa em determinado contexto. Este conjunto ou contexto, por sua vez, liga-se a outro conjunto e contexto, e assim por diante. Perceber esta relação dos dados com seus conjuntos e contextos, dos conjuntos e contextos entre si, permite a mente situar-se no mar infindo de ondas passageiras. Em vez de pensar o real como pequenos cacós de conhecimentos sabe-o como mosaico maravilhosos. Em vez da linearidade das coi-

sas, entende-as na sua complexidade – “com+ plexas = tecidas juntas”. **Tudo é complexo, porque tudo faz parte de gigantesco “tecido (plexo) com”.**

**Aprender a conhecer é inserir todo conhecimento no varal do passado, percebê-lo na atualidade do presente e vislumbrá-lo na sua densidade de futuro.** O pensamento não se perde nunca no momentâneo. Em vez de dizer que só existe o presente, afirma-se o contrário. O presente não existe. Ele é passado condensado e é futuro anunciado. Vê-lo sempre assim é aprender a conhecer.

**Aprender a conhecer supera a tendência atual da hiperespecialização, da fragmentação, da separação, da compartimentação dos saberes e das disciplinas para pensá-los de maneira polidisciplinar, transversal, multimensional, transnacional, global, planetário<sup>3</sup>.** O pensar polidisciplinar enfoca a questão com a contribuição de muitas ciências. O pensar transversal mostra como se habita, ao mesmo tempo, muitos tempos, épocas, quadrantes simultaneamente. E a realidade na sua necessária pluralidade se deixa entender a partir de diversas dimensões. E quanto mais se avança na globalização, todo pensamento se enriquece com as contribuições das diversas nações numa visão global e planetária.

A economia é hoje uma das ciências de mais terríveis conseqüências para nossa vida. Aí aparece a pobreza horrível de seus pensadores que só sabem pensá-la no horizonte Norte do capitalismo central, preso ao estrito monetarismo, desconhecendo tantas outras disciplinas,

3. E. MORIN, *A cabeça bem-feita. Repensar a reformar o pensamento*, Rio, Bertrand Brasil, 2000, p.13.

eras culturais, dimensões humanas, nações e sobretudo o global e o planeta Terra como *habitat* de toda a humanidade e não só de seus países interessados. Esta pobreza aparece exatamente por causa da hiperespecialização da economia cada vez mais matemática e menos humana. E. Morin cita um economista que percebeu tal limitação e afirmou: "Ninguém pode ser um grande economista se for somente economista" e mais adiante se lê que "um economista que só é economista torna-se prejudicial e pode constituir um verdadeiro perigo"<sup>4</sup>. Isso vale também de outros saberes. Ousaria dizer que um religioso que só entendesse de vida religiosa seria um perigo para a mesma.

Dito de maneira mais simples, aprender a conhecer é a pessoa considerar-se uma ilha num arquipélago e para não ficar perdida e isolada ela lança quanto mais pontes possíveis para as outras ilhas a ponto de perceber-se ao final numa rede maravilhosa de relações de saber.

O saber superespecializado tira-nos a possibilidade de ver o global e o mais importante da questão. As aproximações reducionistas são empobrecedoras do real com a ilusão de pensar que se conheceu em profundidade a realidade. Se se toma ao pé da letra a imagem da profundidade pode ser até verdade. Quanto mais profundo o buraco, menos visão do conjunto se tem. A pessoa perde-se no escuro de sua especialização. O contrário é o mais importante. Quanto mais longe do buraco, maior é o alcance da vista e pode-se então descer nos poços, sabendo antes onde eles estão. **"Quanto mais desen-**

**volvida é a inteligência geral, maior é sua capacidade de tratar problemas especiais"**<sup>5</sup>.

Outro segredo da arte de pensar é saber fazer-se perguntas. **Pensa quem sabe perguntar.** Onde há respostas prontas, feitas, fixas, não há espaço para pensar. As respostas são afirmações, que têm atrás de si perguntas. Descobri-las, retomá-las e prosseguir fazendo novas perguntas açula nossa capacidade de pensar.

Nada melhor na formação do que incentivar as pessoas a fazerem perguntas a si, às suas convicções, às suas evidências e ao mundo fechado que se lhe impõe. Ensinar a arte e a aptidão para a problematização. "A maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento"<sup>6</sup>. Triste é encontrar pessoas jovens cansadas, abúlicas, obtusas, cépticas, desiludidas, que se trancam na impossibilidade de perguntar-se. Vivem dentro da banal certeza de uma vida empobrecida sem curiosidades da mente. Esqueceram que há "um único ponto quase certo no naufrágio (das antigas certezas absolutas): o ponto de interrogação" (Salah Stétié).

**Ensina a pensar encontrar-se em realidades exteriores a si.** Ver-se refletido sobretudo em obras de literatura: romance, poesias, roteiros cinematográficos. Quantas vezes visitando os grandes romances da literatura mundial e nacional, lendo poesias inspiradas, ou vendo filmes de diretores geniais, acordamos para problemas fundamentais da vida humana. Aprende-se a pensar em profundidade o que são o amor, a morte, a liberda-

4. E. Morin, op. cit. p.16.

5. E. Morin, op. cit. p.22.

6. E. Morin, op. cit. p.55.

de, o sofrimento, a injustiça e tantas outras experiências básicas da condição humana. **Aprende-se a pensar lendo os pensadores.**

**Pensar é analisar e sintetizar, separar e unir.** Este jogo de operação mental estimula o pensar. O pensamento atual acentua demasiadamente a análi-

se. Em busca de equilíbrio, cabe insistir na síntese, na ligação entre os pensamentos, num pensar inclusivo, na percepção das implicações mútuas entre as idéias, nas relações inter-retro-para-frente. E o processo de aprender a conhecer e a pensar conduz necessariamente a "aprender a fazer".

## APRENDER A FAZER

Se o presente é o futuro anunciado, já estamos a construí-lo com o que fazemos. Então a gravidade do agir é maior. **Aprende-se a fazer captando o lado ético de todo agir humano.** Implica um senso de responsabilidade. Não existe presente desligado do futuro. Quanto mais cuidamos de vislumbrar o futuro nos atos presentes, mais aprendemos a fazer. Nossas ações deixam de ser veleidades para adquirir densidade de futuro, de responsabilidade. Aparece aqui a relação entre o aprender a conhecer e aprender a fazer. Lá se tratava da importância de pensar a realidade no seu conjunto e contexto. Aqui se menciona a importância de captá-la como presente numa perspectiva do futuro. Em ambos os casos, abre-se maior espaço para a ética. **Quanto mais percebemos o alcance de nosso pensamento e de nosso agir, tanto maior responsabilidade assumimos.** Mais se torna importante a ética para alimentar a lucidez de nosso conhecer e fazer. Se os cientistas, cujas pesquisas possibilitaram a fabricação da bomba atômica ou napalm, tivessem um pensar mais amplo da realidade, da humanidade, da ecologia, do sofrimento humano e de tantas outras dimensões da vida teriam prosseguido suas pesquisas? Não foi o fechamento em suas próprias pesquisas que os levou a colocar

agora nas mãos de pessoas, muitas delas perversas e irresponsáveis, uma arma capaz de destruir toda a vida desse planeta? Que pobreza terrível de pensar têm muitos cientistas que estão cavando a morte de milhões com suas pesquisas, encerrados entre os instrumentos de seu laboratório, com todas as janelas fechadas para a grande realidade! Recebem prêmios Nobel. No entanto, tornam-se elo de uma cadeia de morte. Que diferença do cientista de origem russa, A. Sabin (1906-1993), cujas pesquisas o levaram ao aperfeiçoamento da vacina contra a poliomielite, salvando até hoje milhões de crianças da paralisia infantil!

Há duas maneira de aprender uma técnica, uma prática. Vê-la feita e reproduzi-la. É o modo mais comum. Assim as Escolas Técnicas passam para seus alunos o conhecimento de infinitas aplicações tecnológicas. Estamos aqui no mundo taylorista, fordista, que o cineasta inglês Ch. Chaplin (1889-1977) ridicularizou em seu clássico filme "Tempos Modernos" (1936). O operário aprende um procedimento e o repete interminavelmente. Então para cada caso faz-se mister um aprendizado específico. Daí os contínuos cursos de atualização profissional. Para cada nova máquina, novo curso. Mas quem fabricou a nova máquina? Não

pode ter sido quem só aprendeu a usar as máquinas feitas.

Há um segundo modo diferente de aprender a fazer. Entra-se na estrutura mesma da ação para conhecê-la em seus elementos constitutivos. Em outra ocasião, pode-se criar uma nova ação, porque se conheceu criativamente como se constroem novas possíveis ações. Passa-se de uma simples qualificação para determinadas tarefas para uma competência criativa de caráter mais amplo. Fala-se em "toyotismo", aludindo à nova maneira japonesa de encarar o mundo da tecnologia de maneira criativa, imaginativa.

**Aprender a fazer influencia aprender a conhecer.** O conhecimento adquire uma intencionalidade para a práxis. Não simplesmente para ser aplicado a ela, mas também para responder a situações ainda inéditas. Cria-se uma capacidade criativa de articulação entre conhecimento e prática, entre saber e ação, de modo que ambos se alimentam mutuamente. A prática modifica o conhecimento e este, por sua vez, gera sempre novas práticas. Cria-se assim a atitude mental de sempre pensar o conhecimento na sua prolongação prática e a prática no seu caráter cognitivo. O progresso do conhecimento traz inovações no agir. As mudanças no agir exigem reformulações do conhecimento. Cada vez mais fica claro que não há trabalho puramente material. Nem há puro "operário" que "opera" máquinas, mas seres humanos capazes de pensar, de progredir, de criar. Todo trabalho, por mais material que seja, é intelectual. A pura materialidade é feita pelas máquinas. Até elas absorvem conhecimento por meio da microeletrônica. **Não há conhecimento sem repercussão na prática, não há prática sem conhecimento incluído.**

Na formação da Vida Religiosa isso acontece à medida que o jovem aprende não simplesmente o cumprimento material de práticas e ritos religiosos, mas vai mais longe. Capta o sentido profundo desses ritos e práticas. Se amanhã deixa algum, cria outro. Percebe que não existe vida de fé sem práticas, sem ritos, sem exercícios religiosos. Mas também ela não se identifica com nenhum deles. Simplesmente manifesta-se neles. **Entender a relação profunda, imanente entre a necessidade do rito e a radicalidade da experiência espiritual de fé é "aprender a fazer" novos ritos toda vez que eles perdem sua força simbólica, manifestadora da vida.**

Semelhantemente nas experiências pastorais, não se trata de aprender técnicas de eficácia prática. Estas servem por pouco tempo numa sociedade em tremendas mudanças. Mas sempre serão necessárias novas maneiras de agir pastoral.

No caso da mera aprendizagem de determinadas formas de atuar está em jogo a simples tarefa mental da aplicação para outros lugares do que se viu no seu mundo. Assim procederam tantos missionários que simplesmente transportaram da Europa para cá suas práticas. Nunca aprenderam a fazer, mas aprenderam o que se fazia.

Hoje somos críticos a respeito dos evangelizadores de ontem porque simplesmente implantaram em nossas terras a forma de Igreja que tinham em seus países. Repetiremos seus erros se não "aprendermos a fazer".

E. Morin introduz uma distinção que esclarece a diferença entre as duas atitudes de aprender o feito e aprender a fazer. Chama a primeira de programação



e a segunda de estratégia. Usando uma terminologia religiosa, explica que tipo de “viático” existe para preparar-se para viver num mundo de incertezas. Não é, sem dúvida, resignar-se a um ceticismo generalizado. Mas esforçar-se para pensar bem adotando a estratégia em lugar do programa<sup>7</sup>.

O programa determina de antemão o que se quer fazer com objetivo e meios bem traçados. Sua eficácia depende das condições favoráveis para sua realização. O imprevisto o paralisa. A estratégia, porém, é diferente. Mesmo que tenha objetivos previstos, desenvolve as ações em interação com o ambiente incerto, aproveitando de toda informação que capta durante o percurso. Assemelha-se à categoria de “reflexividade” de A. Giddens.

Existe uma influência transformadora entre representações (idéias) e práticas no nosso agir social. A entrada de sempre novos conhecimentos científicos provoca mudança contínua da compreensão de nossas ações. As práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à

luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter<sup>8</sup>. Acontece uma incorporação rotineira de novos conhecimentos e informações nos ambientes de ação que são assim reconstruídos e reorganizados<sup>9</sup>. Um dos efeitos, no plano das subjetividades, é a percepção crescente do caráter construído, relativista e provisório de nossos conhecimentos e práticas..

Aprender a fazer é, portanto, captar o espírito da estratégia e da reflexividade que permitem um refazimento contínuo do agir à medida que os dados oferecidos pelo ambiente o pedem e exigem.

Tanto no campo do conhecimento quanto no da prática tem-se valorizado cada vez mais o “coletivo” em oposição ao individual. Criam-se “grupos de estudo” e “coletivos de trabalho” para produzir conhecimentos e executar tarefas, cujo detalhamento, execução, programação cabe ao grupo fazer. Nesse sentido, cresce a importância de saber comunicar, de trabalhar com os outros, de aprender a viver juntos, com os outros.

## APRENDER A VIVER JUNTOS, APRENDER A VIVER COM OS OUTROS

O mundo atual é marcado pelo individualismo nas formas mais selvagens, pela violência, por conflitos, por racismo latente e intermitente, por intransigências religiosas, por fanatismos emergentes. Tudo isso impede de vivermos juntos. A formação é desafiada para ser antídoto a tanto veneno.

**Uma primeira lição da convivência é a tolerância.** A Vida Religiosa nem sempre foi o lar da tolerância, para não dizer o contrário. A consciência de possuir a verdade da salvação e de buscar a perfeição levou a muitos a um rigorismo consigo e com os outros, não suportando posições diferentes.

7. E. MORIN, op. cit. p.61.

8. A. GIDDENS, *As consequências da modernidade*, São Paulo, UNESP, 1991 (1990), p. 45, cit. por: A. D'ANDREA, *O self perfeito e a nova era*. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais, São Paulo, Loyola, 2000, p.34.

9. Ibid.

**A tolerância tem dois níveis: das idéias e das práticas.** A sociedade moderna democrática defende o direito à liberdade de pensar e de expressão. A tolerância encontra seu limite na intolerância e na irracionalidade das idéias defendidas. Existe um paradoxo de ser não ser tolerante com as teorias e práticas intolerantes e que ameaçam o convívio humano.

Semelhantemente na Vida Religiosa, a tolerância não pode ser ilimitada. Há idéias e práticas que a colocam em perigo na sua própria existência. Nesse caso, a tolerância seria decreto da própria morte. É uma questão difícil e delicada. Quem define o limite da insuportabilidade por parte da Vida Religiosa de certas posições teóricas e práticas? E como agir para que elas não avancem e destruam a Vida Religiosa sem cair numa intolerância integrista? **Em princípio, os limites da tolerância deveriam nascer do consenso racional da comunidade que se defende de sua destruição.** E tal consenso nasce de um diálogo em que as razões, iluminadas pela fé, no caso da Vida Religiosa, convençam os seus membros.

O limite à tolerância não pode ser anterior à discussão, nem surgir pela via autoritativa, mas pela discussão nutrida por razões convincentes. Uma vez essas estejam claras e sejam consensuais, a posição oposta já não tem direito de apelar para a tolerância e sim aceitar os argumentos aduzidos. Vivemos num mundo em que se confunde tolerância com relativismo total, com indiferentismo diante de qualquer posição, de preguiça intelectual em busca de uma verdade consensual. Aprender a viver juntos implica a

capacidade de entrar nesse jogo de diálogo no equilíbrio difícil da tolerância e de seu limite.

Acompanha o aprendizado do viver juntos um pressuposto antropológico básico. Acredita-se que as pessoas sejam sensíveis às razões na definição das teorias e práticas. A confiança nessa atitude humana primeira permite desenvolver entre os membros de uma comunidade a atitude de diálogo, alimento da convivência.

M. Conche discutindo o problema da tolerância define-a como uma "liberdade recíproca, que os homens reconhecem a si, de crer e dizer o que lhes parece verdadeiro, de tal sorte que a expressão, por cada um, de suas crenças e de suas opiniões não tenha por efeito nenhuma violência, mas seja compatível, ao contrário, com o estado de paz"<sup>10</sup>.

Olhando para a Vida Religiosa, os formandos deveriam ser educados a que em suas reuniões comunitárias pudessem livremente exprimir-se sem sentir-se contrangidos, violentados. E os sinais de violência podem ser sutis ou ostensivos. **Aprender a conviver exige uma delicadeza respeitosa ao diferente em todas as relações.**

**O lugar de aprender a conviver é naturalmente a vida comunitária.** Ora bem, a Vida Religiosa está ameaçada na sua raiz pela perda do espírito de vida comunitária. Em seu lugar, além do individualismo despuadorado, esconde-se a ilusão de um duplo comunitarismo: experiências comunitárias isoladas e comunidades afins.

A vida comunitária pode reduzir-se a momentos emocionais de vivência co-

10. M. CONCHE, *A análise do amor*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 91.

munitária. São verdadeiros *happenings* isolados, que encontram neles mesmos seu início, meio e fim. Não estabelecem nenhuma seqüência na vida de comunidade. Predomina nesses eventos isolados a dimensão emocional. Para que se torne atraente, cada encontro deve ser mais emocionante que o outro. Reproduz-se a cultura dos "programas de auditório". Vive-se de expectativas sempre mais surpreendentes. E quando já não se consegue tal intensidade emocional, o evento perde força, não atrai e desaparece. Exatamente como os programas de TV.

Outro tipo de deturpação da vida comunitária religiosa se caracteriza pela busca de grupos pequenos afins. Na gíria juvenil são "tribos" em que se suprimem as diferenças para viver uma mesmidade que não questiona. Toda voz dissonante ou não entra no grupo ou é excluída. Os grupos afins degeneram-se facilmente. Na maioria das vezes, há uma personalidade mais forte que faz girar em torno de si os outros. Enquanto ela conseguir ser o sol e os outros aceitarem a simples função de satélites, a comunidade pode funcionar. Pode advir um cansaço, uma rebelião. E vai tudo água abaixo. E já não há razão para construir outra, porque lá estavam por quiseram construir aquele ninho, a comunidade de seus sonhos.

Evidentemente essas formas comunitárias nunca ensinarão ninguém a viver junto. Antes deseducam as pessoas para tal. Tenta-se resolver o desafio da vida comunitária anulando as diferenças, os conflitos reais, em vez de buscar solucioná-los ou aprender a conviver com eles.

**Aprender a viver juntos exige precisa-**

**mente a capacidade de administrar o conflito, as divergências, as diferenças com alegria, paz e serenidade.**

**O caminho da autêntica formação para viver juntos passa por uma dupla descoberta: a do valor próprio e a do valor dos outros.** Sem esse tirocínio do auto-reconhecimento e do reconhecimento do outro não há um viver realmente juntos. Senhores e escravos não convivem. Uns dominam, outros submetem-se. A consciência de uma igualdade radical na diferença dos talentos é a base do viver juntos.

O nível da igualdade e da diferença não é o mesmo. A igualdade é fundamental, a diferença se constrói sobre ela. Não é, pois, uma diferença que destrói a igualdade, mas que a faz plural. O intercâmbio das diferenças dá-se na base da igualdade primeira. Todos recebem de todos. Cada um oferece do seu ao outro, recebendo dele. Nesse jogo igual, as diferenças são enriquecimentos e não concorências, conflitos ou exclusões.

Para que isso não paire num nível abstrato, nada melhor que os membros do grupo ou comunidade se proponham objetivos comuns, empreendam tarefas juntos, realizem projetos motivantes. As CEBs do Brasil fizeram uma experiência desse viver juntos na diferença religiosa quando católicos e evangélicos se uniram nas mesmas lutas populares nos tempos do regime militar. Jether Pereira forjou a bela expressão: "ecumenismo na base". Em outros termos, era um aprender a viver juntos numa prática libertadora comum sem negar a diferença das próprias identidades religiosas.

**A sociedade ocidental vai de um unilateralismo a outro.** Ora o ser humano é identificado com seu lado intelectual. "Fulano é uma cabeça!" Os elogios restringem a sua capacidade intelectual. Os cursinhos disputam as vagas, ostentando os alunos classificados em primeiro lugar nos diferentes vestibulares. Em reação a essa onda dominante, exacerba-se o lado emocional das pessoas. Explora-se ao máximo a sensibilidade com filmes e programas de TV impactantes.

**Aprender a ser é uma resposta a esses extremos, procurando o desenvolvimento integral, total da pessoa humana: espírito e corpo.** E nessa dupla dimensão fundamental, levam-se em consideração a inteligência, a sensibilidade, o sentido estético, a responsabilidade, a espiritualidade e tantas outras realidades constitutivas da pessoa humana.

Mais. Não basta aprender a ser nesse momento atual, nesta sociedade. A realidade social é cambiante. O amanhã apresenta-se incerto. Certamente diferente. **Aprende-se a ser para qualquer realidade presente e vindoura.** Treinamos naquelas que nos circundam para poder ser capazes de viver em qualquer outra como atores responsáveis e honestos.

Tornou-se um lugar comum a oposição entre ser e ter. Não precisa de muita filosofia para perceber que somos diferentemente do que temos. O ter agrega-se nos. O ser nos constitui. **Aprender a ter é ocultar-se atrás das coisas. Aprender a ser é despojar-se das coisas para revelar o próprio ser.** Quanto mais somos escondidos por detrás do ter, tanto menos autênticos. Caem as coisas e o "rei fica nu". A nudez de nosso ser nos atormenta, daí vestimo-la com tanto consumismo.

**Aprender a ser é saber enfrentar-se na verdade de si.** Não se sente necessidade de camuflá-la com as posses, desde as materiais até as simbólicas e de títulos. Somos à medida que pensamos, nos criticamos, decidimos, assumimos responsavelmente nossos atos. Um pensador francês ligava o desejo terrível de o ser humano possuir à sua fundamental carência. Porque incompleto, cria para si, apodera-se de coisas, para suprir sua falta básica. Por sua vez, consciente de sua realidade como um processo autoconstrutivo já não se deixa prender nas malhas do ter.

A Vida Religiosa pensou um remédio radical para a máscara do ter, que encobre o ser: a pobreza. Infelizmente, muitas vezes infantilizada por regras de pedir licença e assim tudo possuir, perdeu sua intuição primeira de uma pobreza do ter para fazer emergir mais claramente o ser. Não se precisa entulhar-se de coisas, de títulos, de honrarias, de dignidades, de cargos – em exercício ou já exercidos e exibidos pelos "ex", "emérito", – mas simplesmente "ser" nas relações com as pessoas.

**A alegria de ser constrói-se pela descoberta de si, de seus talentos, de suas possibilidades nos diferentes campos da estética, do saber, das artes, das habilidades, das técnicas, das relações humanas.** Aprender a ser é iniciar-se consciente e criticamente nesse processo de autodescoberta prazerosa, unida com a pitada cristã e religiosa do dom de si aos outros. Tudo que somos existe em relação. Aumenta, desenvolve-se em relação. Enquanto o ter, pelo contrário, cresce à medida que se acumula para si e não se distribui. A dinâmica do dom revela a oposição radical entre os dois mundos do ser e do ter. Este cresce pelo acúmulo

egoísta. Aquele desenvolve-se pela relação altruísta.

A pessoa de fé percebe que nas quatro tarefas acima descritas – apren-

der a conhecer, fazer, conviver e ser – ela se relaciona, em última instância, com Deus. Como perceber essa relação? Discernindo.

## APRENDER A DISCERNIR A VONTADE DE DEUS

Discernimento tem-se tornado uma palavra gasta por um emprego abundante e abusivo. Discerne-se sobre tudo e julga-se tão claramente encontrar a vontade de Deus que uma pessoa de fora com facilidade desconfia tratar-se mais de projeções subjetivas e ilusórias do que do silencioso diálogo com Deus numa oração profunda e continuada. No entanto, nada disso diminui a importância desse tirocínio para o processo da Vida Religiosa.

Não se trata aqui de escrever sobre o discernimento<sup>11</sup>. Mas, de preferência, apontar algumas balizas orientadoras para sua aprendizagem. Aprender a discernir. **“Aprender a” significar criar atitudes que nos dispõem para determinada tarefa.** No caso, seriam aquelas que nos preparam a ser pessoas de discernimento.

Discernir não é situar-se diante da vontade de Deus, como algo já definido e feito, como uma coisa pronta, que, uma vez percebida, não se tem nada mais a fazer do que realizá-la, aconteça o que acontecer. **Aprender a discernir é saber colocar-se numa atitude de busca que não termina nem mesmo depois de ter “descoberto” a vontade de Deus.** Porque na verdade não se descobre, não se “tira a cobertura” de uma vontade de Deus escondida. Ela é uma relação conosco, carregada da fragilidade de nossas per-

cepções e vivências das relações. Nunca acabadas.

**Aprender a discernir é saber, é conhecer na insegurança contínua de quem está a dialogar com o Mistério e nunca tem certeza clara de sua transparência.** Quanto mais diáfana parecer tal percepção, mais cuidado e discricão se deve ter, com temor da ilusão dos teimosos. Nada tão terrível que a “evidência” da vontade de Deus para gerar fanáticos, fundamentalistas, ortodoxos rígidos, autoritários doentios. Estes nunca “aprendem a” discernir. Pensam que discernem quando projetam muito de si para dentro de um espaço que eles chamam de vontade de Deus.

**“Aprender a” implica manter acesa a suspeita sobre si que se concretiza toda vez que algum dado objetivo, algum acontecimento oferece elemento para repensar a própria posição.** Quando se lê a prática de Jesus sob esta ótica, descobre-se como ele se aproximava da realidade com suas posições definidas, mas abertas a eventuais mudanças. Paradigmático é o caso da mulher sirofenícia, estrangeira, que não entrava no primeiro projeto evangelizador de Jesus. Este estava reduzido às ovelhas de Israel. E a insistência humilde daquela mulher, reflexo da presença de Deus atuando nela,

11. Tratei o assunto mais longamente em livros e artigos. Recentemente foram reeditados alguns artigos: *O discernimento espiritual revisitado*, São Paulo, Loyola, 2000.

abala a segurança do Filho. Reconhece tal sinal de Deus e muda de posição, fazendo o milagre (Mc 7, 24-30).

Se pudéssemos entrar no interior de Jesus, que tremenda luta deve ter havido para explicar-se a si mesmo o que passou com a vocação de Judas. Escolheu-o para ser um dos doze. Ei-lo feito traidor. E Deus Pai aí? Jesus estava aberto a todas as mudanças que os eventos iam impondo-lhe de modo que as interpretações da vontade de Deus sofriam as mesmas modificações.

**Aprender a discernir é viver permanentemente nessa expectativa da novidade dos acontecimentos, sem definir-lhes anteriormente os significados, mas sim ir captando os que eles se vão dando, concatenando-os.** Da trama conflituosa dos eventos sai a resultante da vontade de Deus. Sabê-la sempre como resultante provisória e nunca totalmente definida até a hora da morte é talvez a atitude de quem realmente “aprendeu a discernir”.

Talvez algum jesuíta entendido discorde, recordando o que Santo Inácio fala

do discernimento no primeiro tempo. “Deus Nosso Senhor move e atrai a vontade de tal maneira, que, sem duvidar nem poder duvidar, tal alma devota segue o que se lhe mostra”. E cita os exemplos de São Paulo e São Mateus ao seguirem a Cristo<sup>12</sup>. Inácio refere-se ao momento da experiência mística que pode ter essa clareza única. No entanto, essa decisão acontece na história e esta prossegue. Então a pessoa necessita estar aberta às novas provocações de Deus manifestadas na trama dos acontecimentos. Na vida do próprio Santo Inácio, temos um exemplo desse jogo de clareza na decisão e abertura a eventual mudança. A idéia de fundar a Companhia pr recebeu-lhe algo absolutamente claro. No entanto, tal fato não impedia que ele se mantivesse na atitude de indiferença, inclusive diante da possibilidade de ela ser extinta pelo Papa. Nesse caso, disse o próprio Inácio que precisaria de 15 minutos para voltar à paz interior. Ele não só discernia, mas aprendera a discernir. Por isso, foi mestre de discernimento.

## CONCLUSÃO

A formação hoje é um processo complexo. Complexo não significa sem mais a pluralidade de fatores que aí interferem. Não se trata de multiplicar os elementos necessários para formar-se, ampliando os campos do conhecimento, do agir. Não é questão de aumentar os volumes da enciclopédia do saber e fazer.

**Formação complexa reconhece, sim, que estamos num mundo de muitos ingredientes atuando sobre nós.** Concentra, porém, sua atenção no esforço de articular esses elementos numa rede, num con-

texto, num sistema. É momento de tecer os fios da existência no nível do conhecer, do fazer, do conviver, do ser, do discernir.

Aprender a conhecer e a pensar é fundamental num mundo de muitas informações e de pouco pensamento. Mais que entulhar nossa mente com dados, que qualquer computador descobre, é-nos exigido saber pensar com lucidez, criticidade, liberdade.

Marx anunciava um novo mundo diferente. “Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diferentes modos: tra-

12. Santo Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais, n. 175.

ta-se agora de transformá-lo"<sup>13</sup>. Estamos na era da práxis. Os bispos em Medellín fizeram também, noutra perspectiva, proclamação semelhante. "Não basta refletir, obter maior clareza e falar. É preciso agir. Esta não deixou de ser a hora da *palavra*, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da *ação*"<sup>14</sup>. Nesta hora da ação, é necessário "aprender a fazer".

Cresce o individualismo. Em reação, as pessoas percebem que aí encontram sua morte. "Aprender a conviver" torna-se fundamental para existir humanamente num mundo narcista. Isso vale tanto para o mundo do conhecimento quanto da prática. Surgem os mais diversos coletivos de estudo e trabalho. A convivência ocupa lugar importante inclusive na escolha dos técnicos e funcionários das firmas. Quanto mais se faz relevante na vida religiosa!

E de nada vale conhecer, fazer, conviver se não sabemos quem somos e quem é o outro. Aprender a ser impõe-se como


absolutamente imprescindível na formação. As dimensões de nosso ser são conhecidas e construídas, são descobertas e criadas. Nesse misto de auto-reconhecimento e criação caminha-se pelas vias do ser.

A Vida Religiosa ficaria manca se não tivesse seu olhar voltado para Deus. Em tudo isso, como entender a Deus, seu projeto salvífico, sua vontade? Discernir é tarefa também ela necessária na formação.

Todos os pilares – conhecer, fazer, conviver, ser, discernir – estão precedidos de um único verbo: "aprender a". O desafio está em entrar nessa dinâmica. Formar é precisamente ajudar as pessoas a descobrirem esse processo criativo de "aprender a" e ir atualizando-o nos diversos pilares. As pessoas nunca sairão prontas de nenhuma etapa formativa, mas adquirirão a atitude formativa para conduzi-la até o fim de sua vida. **A formação termina com a entrada na definitividade de Deus para além da morte.**

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Por que é preciso exorcizar a etimologia da palavra formação? Como fazê-lo na prática?
2. Para conseguir uma formação articulada efetivamente a partir dos cinco pilares que o texto apresenta quais são, na sua comunidade ou província, as principais medidas a serem tomadas? Quais os principais obstáculos a serem superados?

 J. B. Libanio. Teólogo. Professor de Teologia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus de Belo-Horizonte. Assessoria teológica em nível nacional e internacional. Várias obras publicadas.

Endereço do autor:

Caixa Postal: 5047

CEP: 31611-970 – Belo Horizonte - MG

13. K. MARX, "Tese 11ª sobre Feuerbach" in: *Teses contra Feuerbach*, São Paulo, Nova Cultura, 1987.

14. CELAM, *Conclusões de Medellín*, Introdução, n. 3 (Petrópolis, Vozes, 1969, p. 35).

# A Dimensão profético-política

## da Vida Religiosa

RONALDO MUÑOZ, S.S.CC.

Nas comunidades religiosas da América Latina que estão a caminho da inserção entre as maiorias pobres, procuramos viver nossa "missão consagrada" em convergência com estas duas linhas de força: 1 - a linha da cultura e das lutas de nosso **povo pobre** - sofrido, crente e com missão recebida de Deus; 2 - a linha da presença encarnada de uma **igreja evangelizadora** "que quer ser em todo mundo a igreja dos pobres".

Ali buscamos seguir hoje a **Jesus Servo**, o Messias dos pobres; e, quase sem dar-nos conta, vamos sendo configurados com ele e com a pequena comunidade de seus discípulos, no caminho de sua prática messiânica, em meio a essa "multidão cansada e angustiada". E assim, se verdadeiramente, nos deixamos guiar pelo

mesmo Espírito, vamos reconhecendo e fazendo presente, de maneira humilde e discreta, o **Reinado de Deus**, Pai misericordioso, entre os pequenos e os excluídos deste mundo. Ali nos encontramos com o **mesmo Jesus, ressuscitado e vivo**, como Madalena, os discípulos de Emaús e a comunidade dos onze, especialmente quando Ele mesmo vem cear conosco e nos reparte o pão. Ali podemos gozar da presença do Servo sacrificado, agora Senhor da vida, recebendo a **força renovadora do seu Espírito**: Espírito de amor fraterno, de paz confiada e de alegria contagiosa, que está presente no povo pobre e que vai nos transformando, mesmo em tempos de obscuridade e levando-nos a *compadecer* com os oprimidos.

### A COMUNIDADE DE PENTECOSTES, HOJE

No caminho desta experiência de vida e espiritualidade inserida, nos fixamos na Igreja de Pentecostes e nas comunidades de todo o Novo Testamento, na fundação e na tradição viva de nossos institutos e no testemunho de nossas igrejas do pós-concílio no Terceiro Mundo com sua

teologia e seu magistério pastoral... e nos sentimos especialmente chamados a reconhecer-nos e refundar-nos como **consagrados para a missão profética de Jesus hoje**; a partir do sofrimento injusto, dos valores da vida e da esperança dos pobres da terra. Aqui também e "nestes



dias”, para os mesmos pobres e para o mundo globalizado, Deus diz: “*Derramarei meu Espírito sobre todo mortal; seus filhos e suas filhas profetizarão; os jovens terão visões e os anciãos, sonhos...*” (Joel 2, 28-32; Atos 2, 17-18).

É a profecia que, superando o medo, se atreve a **denunciar** clara e abertamente aqueles que crucificaram o Servo Jesus e, hoje, o crucificam em seus pobres. O mesmo Jesus de Nazaré, que passou por nossa terra – e continua passando hoje – humilde e indefeso, do lado dos pobres e excluídos, “evangelizando-os” com atos e palavras – de cura, liberdade e comunhão – que são vistos como escandalosos e subversivos pela ordem vigente e a pela religião estabelecida.

É a mesma profecia, sobretudo, que **anuncia** ao mesmo povo de oprimidos e marginalizados e, também, aos que o crucificam, a Grande Notícia de que “o Deus de nossos pais ressuscitou o Servo Jesus”, e continua a ressuscitá-lo hoje nos seus pobres; de que “o colocou como Messias e Senhor da Vida” – e O continua colocando hoje -, para todos os que queiram reconhecer-lo e se disponham a mudar de vida e abraçar sua causa (Atos 2 e 4).

**A mesma comunidade** de testemunhas e convertidos é colocada pelo Espírito como **sinal e fermento da nova vida**

**e convivência** que brota do Ressuscitado para seus discípulos: a que o Pai sonhou para todos os seus filhos, a que o Deus do Reino quer – derrubando muros – para todos os povos da terra. Vida e convivência em justiça e irmandade, simples e alegre, compartilhando bens e serviços, todos responsáveis uns pelos outros e pela missão comum, todos preocupados e ocupados prioritariamente com os mais fracos e necessitados. Vida iluminada pela fé e pela esperança no Deus da Vida e do amor, Ele que ressuscitou o crucificado e nos confirma com seu Espírito. (Atos 2, 44-47; 4, 31-35)

Vida e convivência na **contramão** das forças, dos modelos e das estruturas dominantes neste mundo: com a acumulação excludente dos bens da natureza e da técnica; com a exploração ou a exclusão degradante do trabalho humano; com a dominação político-militar, cultural e ideológica das minorias poderosas; com a degradação da vida pessoal e social das maiorias em seu meio natural; com a baixa auto-estima, a dispersão e a desconfiança mútua, as tentações do fatalismo e da evasão, nos mesmos pobres e excluídos; com as novas formas de solidão, o sem sentido o medo da morte, cada vez mais difundido nos, supostamente, vencedores e satisfeitos.

## COMUNIDADES “CONSAGRADAS” PARA O TESTEMUNHO PROFÉTICO

Pelo ensinamento do Vaticano II – e aqui entre nós mais vivamente, pelo mesmo caminho de nossas “comunidades inseridas” – sabemos muito bem que tal consagração para a missão profética de Jesus hoje, longe de ser privativa da “vida consagrada”, é **essencial à vida cristã** em qualquer de suas formas autênticas;

e hoje muito especialmente, nestes espaços de reencontro profundo das igrejas cristãs com os pobres da terra aos quais chamamos “comunidades de base”.

Mas nesse mesmo caminho, como comunidades religiosas não somos só “re-evangelizados” e “re-incorporados à igreja real” pelos prediletos de Jesus e herdei-

sos do Reino, mais especificamente, somos reformados e refundados como **pe-  
soas e comunidades "consagradas" pa-  
ra o testemunho profético**. Não como  
uma "ampliação" ou uma nova tarefa vin-  
da de fora, mas sim, das mesmas raízes  
dessa consagração religiosa: como expe-  
riência de Deus, seguimento de Jesus e  
configuração com ele, vida e missão se-  
gundo o Espírito; passando, claro, por  
uma nova vivência e profissão dos votos,  
na igreja e "para a vida do mundo".

Renovação radical que implica deixar  
nossa instituição, para um êxodo rumo ao  
meio social dos pobres; que implica, so-  
bretudo, em **novas formas** de estilo de  
vida e relação com as pessoas, de oração,  
de comunidade, de missão e de serviço.  
Novas formas, muitas vezes, desconcer-

tantes e pouco aceitas, também na mes-  
ma igreja e nas próprias congregações.  
Mas, que vêm do Espírito – apesar das in-  
coerências pessoais – com **novo sentido,  
alegria e esperança**, e por isso mesmo,  
com novo impacto profético e evangeli-  
zador na sociedade humana.

É nessa conversão e re-fundação  
evangélica, à luz de nossa experiência de  
comunidades religiosas inseridas no mun-  
do e no sub-mundo dos pobres, onde en-  
contramos, a **"chave" da dimensão pro-  
fético-política da Vida Religiosa** apostó-  
lica, com seu impacto de protesto e indica-  
dor de futuro alternativo para esta socie-  
dade de hoje: para este "mundo dividido  
e injusto", ao mesmo tempo globalizado e  
fragmentado, fascinante para muitos,  
excludente e cruel para a grande maioria.

## "DIANTE DOS GRANDES DESAFIOS" DO MUNDO DE HOJE

Com essa "chave" lemos e recebemos  
– agradecidos e esperançosos – a recapitu-  
lação e o impulso que nos oferece para  
o caminho o documento *Vida Consagra-  
da* de João Paulo II, com sua exortação  
a levar adiante com maior profundidade  
e coerência nosso **"testemunho profé-  
tico diante dos grandes desafios"** do  
mundo de hoje. Profetismo próprio da  
*Vida Consagrada*:

- **Pela mesma forma de vida**, como "si-  
nal da primazia de Deus e dos valores  
evangélicos da vida cristã", o que su-  
põe "não antepor nada ao amor pessoal  
a Cristo e aos pobres nos quais ele vive".
- **Pela palavra que anuncia e denun-  
cia**, aquela que "nasce de Deus, da ami-  
zade com ele, da escuta atenta de sua  
Palavra nas diversas circunstâncias da  
história."

- **Com a força da "coerência** entre o  
anúncio e a vida", o que supõe "um  
exame contínuo de nós mesmos à luz  
da Palavra de Deus", que se fez carne  
em Jesus de Nazaré (VC, 84-86).

Esses **grandes desafios de hoje**,  
*Vida Consagrada* os recapitula em "três  
principais desafios, dirigidos à igreja",  
que **"dizem respeito diretamente aos  
conselhos evangélicos de castidade,  
pobreza e obediência"**, "com seu pro-  
fundo significado antropológico" e social.  
Aqui, seria necessário reler na exortação  
papal toda a primeira metade do capítulo  
III (VC, 72-95), bem como o capítulo II,  
o desenvolvimento que se abre com "A  
fraternidade num mundo dividido e in-  
justo" (51-60).

Parece-me pertinente destacar o de-  
safio da **pobreza evangélica em solida-**

**riedade com os pobres** (VC, 89 e 90). Trata-se da “provocação que vem do **materialismo ávido de possuir**, insensível ao sofrimento dos mais fracos e sem consideração pelo equilíbrio da natureza”. Frente a esse desafio, “a pobreza evangélica, vivida de diversas maneiras e acompanhada de um compromisso na promo-

ção da solidariedade”; pobreza que “questiona energicamente a idolatria do dinheiro”, mediante uma vida “abnegada e sóbria, em fraternidade simples e hospitaleira”; muitas vezes “entre os pobres e os marginalizados, compartilhando sua condição e participando de seus sofrimentos e perigos”.

## ANTE O DESAFIO DA CONCENTRAÇÃO DE PODER

Também me parece pertinente acrescentar, para terminar, esta provocação que vem, em cada país e no mundo “globalizado”, da **enorme concentração de poder** econômico e tecnológico, político-militar e cultural, nas mãos das grandes corporações internacionais aliadas aos governos dos poucos países mais desenvolvidos, por cima da maioria das nações e de qualquer ordem jurídica de consenso universal. Com o qual o estado de direito, a justiça e a democracia; a comunhão e participação dos povos, dos grupos sociais e das pessoas, vão se esvaziando de conteúdo e eficácia. Frente a este desafio, particularmente grave para a vida e a convivência humanas, me parece que as comunidades religiosas, com a vivência e o testemunho da **obediência evangélica em deliberação comunitária**, tem uma contribuição irrecusável a oferecer para a transformação do mundo; bem como para a conversão social, a reforma estrutural e

o catolicismo ecumênico da mesma igreja. Tudo isso, como comunidades fraternas e participativas, com sua prática do diálogo e do discernimento evangélico, a deliberação comunitária e a eleição dos superiores; aprendendo – com os trabalhadores e os marginalizados, com as mulheres e os jovens – a comunhão e a participação, a fidelidade criativa e a liberdade co-responsável; a partir das comunidades de base e das organizações populares; quotidianamente, com atenção contemplativa e visão ampla.

É claro que, todos esses são desafios a longo prazo, do tamanho da humanidade inteira. Mas, esperançosos e constantes, tratamos de escutar o clamor dos oprimidos e fazer ressoar na sua voz, a voz de Deus; tratamos de reconhecer e acender pequenas luzes, de semear na terra grãos de sal e sementes de mostarda que tenham a força dos pobres, a força do Reino de Deus.

### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. No seu contexto eclesial e de Vida Religiosa que significa “ser comunidade de pentecostes hoje”?
2. Como motivar-se e motivar a comunidade no sentido de assumir o compromisso do testemunho profético hoje?
3. Como você e sua comunidade se posicionam diante do desafio atual da concentração do poder?

# A Caminhada da Catequese no Brasil

## Catequese no Brasil

INÊS BROSHUIS

**E**m resposta a um pedido que me foi feito para escrever algo sobre a situação da catequese no Brasil, achei bom mostrar o desenvolvimento do processo da catequese a partir do Concílio Vaticano II e a situação e reflexão atuais.

O que marcou profundamente a catequese no Brasil foi o documento *Catequese Renovada* (Nº 26) da CNBB, aprovado na sua 21ª Assembléia, em 1983, e que já teve 29 edições.

É claro que o documento não caiu prontinho do céu. Houve um longo processo até chegar ao documento *Catequese Renovada*. Já antes do Concílio Vaticano II (1962-1965) houve, em diversos países da Europa, tentativas de se chegar a uma catequese mais pedagógica e didática. No Brasil, houve também tentativas, como as do Padre Álvaro Negromente e outros.

Surgiram os Institutos Superiores de Catequese (ISPACs) que contribuíram muito na implantação de uma catequese nova e mais atualizada.

Mas o grande impulso veio do Concílio Vaticano II que renovou a visão da Igreja, a Liturgia, a atenção pela Palavra de Deus, que se abriu para o ecumenismo e para as relações com o mundo moderno, a liberdade religiosa etc. Embora não tenha sido escrito um documento a respeito da catequese, a nova visão a influenciou profundamente.

### **O QUE FEZ SURGIR O DOCUMENTO CATEQUESE RENOVADA?**

O documento foi preparado por acontecimentos e documentos que influenciaram o discurso catequético.

Em 1968 houve a Conferência dos Bispos latino-americanos em Medellín. Os bispos procuraram aplicar as diretrizes do Concílio à realidade latino-americana. Foram tomadas decisões cora-

josas que iam influenciar a evangelização e a catequese a partir da situação concreta do homem latino-americano com a opção preferencial pelos pobres. Ecoava a palavra de Paulo VI (*Populorum Progressio*) falando sobre a salvação do homem todo e de todos os homens, fazendo a reflexão teológica e

pastoral sair de uma visão espiritualista para uma visão mais inserida na realidade concreta do povo.

Em 1971 saiu da Congregação para o Clero o Primeiro Diretório Geral da Catequese.

Em 1974 houve o 4º Sínodo sobre a Evangelização no Mundo, seguido, em 1975, pela Exortação *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI. Esta exortação inspirou decisivamente a catequese latino-americana.

Em 1977 se deu o V Sínodo sobre a Catequese que resultou, no mesmo ano, na Exortação *Catechesi Tradendae* de João Paulo II.

Em 1979 aconteceu a Conferência dos Bispos latino-americanos em Puebla, que fortificou a opção pelos pobres, fez uma opção preferencial pelos jovens e valorizou a religiosidade popular.

Tudo isso fez nascer o documento *Catequese Renovada* adaptando as novas características da catequese à situação do Brasil.

## O QUE HOUE REALMENTE DE NOVO?

O documento *Catequese Renovada* oferece uma grande escala de aspectos e dimensões que acompanha as orientações da Igreja pós-Vaticano II:

*Catequese como processo permanente de educação da fé.*

É preciso deixar a idéia de que catequese é só para crianças e jovens. Ela abrange todas as etapas da vida até a idade adulta.

*Superação de uma mera doutrinação, de transmissão de conhecimentos.*

Antes da doutrina vem a vida com seus questionamentos, suas lutas e sofrimentos, suas alegrias e esperanças. A própria realidade se torna conteúdo da catequese.

*Vivência da fé em comunidade, na perspectiva do Reino.*

A comunidade é a origem da catequese, o seu lugar próprio e sua meta. A comunidade, porém, não é meta final, mas deve abrir-se para a construção do Reino, a transformação do mundo.

*A Bíblia como primeira fonte da catequese.*

A Bíblia é a luz que ilumina a realidade da vida, faz descobrir os apelos de Deus na situação concreta e provoca uma resposta.

*A interação fé e vida.*

As formulações da fé devem dar uma resposta aos questionamentos da vida. A vida deve dar sentido às formulações da fé. Os dois aspectos não existem paralelamente, mas interagem.

O documento ainda frisa o aspecto da inculturação, a integração nas outras formas de pastoral, uma espiritualidade engajada; frisa as dimensões cristológica, eclesiológica, litúrgica, missionária, antropológica, histórica, política e outras.

Diante de tantas exigências pode-se notar que, na aplicação das exigências do Documento, determinadas dimensões receberam maior ênfase, como o aspecto comunitário, a interação fé e vida, a Bíblia como primeira fonte da catequese e sobretudo o aspecto libertador.

Tanto as Conferências de Medellín como de Puebla ficaram impregnadas do aspecto da salvação ou libertação do homem sofredor. Estávamos nos anos da

ditadura em quase toda a América Latina. Surgiu a chamada *Teologia da Libertação* que procura colocar a salvação em conceitos bem concretos, como disse Paulo VI: "Salvar o homem todo e todos os homens". A catequese se abriu muito para o aspecto social. Surgiram os círculos bíblicos em que o povo "sem voz nem vez" aprendeu a formar sua consciência crítica e tomar posições.

As Comunidades Eclesiais de Base floresciam. Apesar das críticas que esse tipo de pastoral e catequese encontrou, não se pode negar que colaborou altamente para uma consciência mais crítica do povo. A Teologia da Libertação ressoou também fora da América Latina e influenciou decididamente as teologias européias. Era chamada "Teologia - pé no chão".

## **OS PASSOS SEGUIDOS APÓS O DOCUMENTO "CATEQUESE RENOVADA"**

A partir de 1983, a Dimensão Bíblico-Catequética (antigamente chamada Linha 3) começou a estimular a formação de coordenações catequéticas em todos os Regionais da CNBB. Atualmente, todos têm sua coordenação bem estruturada.

Fundou-se o GRECAT, um grupo de reflexão, composto de 12 pessoas com grande experiência catequética, que se reúnem três vezes por ano durante alguns dias, para refletir sobre o processo catequético.

Depois do documento *Catequese Renovada*, o GRECAT elaborou mais textos sobre a catequese:

- a) Textos e Manuais de Catequese (Estudos da CNBB Nº 53)
- b) Formação dos Catequistas (Estudo Nº 59)
- c) Orientações para a Catequese da Crisma (Estudo Nº 61)
- d) "Fortalecidos no Espírito" para monitores e catequistas que preparam para a Crisma (Coleção dos subsídios da CNBB para o Projeto Rumo ao Novo Milênio)

De dois em dois anos, a Dimensão Bíblico-Catequética organiza um encontro nacional de catequese em que participam todas as coordenações regionais da CNBB. Como resultado dos estudos feitos surgiram outros documentos na Coleção Estudos da CNBB:

- a) "Catequese para um mundo em mudança" (Nº 73)
- b) "O hoje de Deus em nosso chão" (Nº 78)

Em 1986 houve a Primeira Semana Brasileira de Catequese e está se preparando a Segunda Semana para outubro deste ano.

Queremos ainda lembrar que em 1992 foi publicado o Catecismo da Igreja Católica e o novo Diretório Geral da Catequese.

## **A REALIDADE CATEQUÉTICA**

A catequese tem sempre procurado andar dentro das orientações e diretrizes da Igreja do Brasil. A caminhada da Igreja é também a caminhada da catequese. Assim pode-se notar que os acentos de cada época se refletem na catequese.

Depois da forte ênfase durante o tempo da ditadura, na libertação do povo sofrido, estamos encontrando hoje outros problemas típicos da pós-modernidade. São fortes os fenômenos como a procura do sagrado, a valorização da

subjetividade, da liberdade, da afetividade, da espiritualidade, do diálogo e do ecumenismo. São todos aspectos que pedem atenção de uma catequese que deve estar em constante processo de renovação.

## **DIMENSÕES BÁSICAS**

Gostaria de chamar a atenção para algumas dimensões básicas da nossa catequese hoje. São:

- a) a dimensão experimental ou pessoal
- b) a dimensão comunitária
- c) a dimensão transformadora ou social
- d) a dimensão bíblica e doutrinária
- e) a dimensão celebrativa

Visto a importância destas dimensões, tratarei de cada dimensão resumidamente. Estas dimensões devem estar presentes em qualquer etapa da catequese, quaisquer que sejam seus destinatários.

### **A DIMENSÃO PESSOAL, EXPERIMENTAL OU AFETIVA DA CATEQUESE**

Já passou o tempo de uma catequese principalmente racional em que o acento caía no conhecimento da doutrina e, como consequência disto, no cumprimento dos mandamentos de Deus e da Igreja.

Mas, a visão mudou. Começou-se a entender melhor que a fé é uma adesão pessoal a Deus. Não basta saber de cor um elenco de verdades. A fé é uma entrega pessoal, um apelo que vem de Deus e que entusiasma a pessoa para assumir um compromisso.

Hoje em dia, há uma grande procura do transcendente, não só dentro das Igrejas, mas também fora delas. Há pessoas que dizem ter fé, mas não sentem necessidade de pertencer a alguma Igreja, que parece amarrar sua liberdade de crer e de pensar. Há movimentos, como Nova Era, que trabalham muito com o trans-

cedente através da natureza, de pedras e pirâmides, de mandalas, etc. Para aqueles que seguem este caminho, Deus é uma força que penetra tudo e que se identifica com a própria criação.

Outros procuram certas Igrejas que trabalham muito com o emotivo, com os sentimentos das pessoas. Tais Igrejas não transmitem muita doutrina, mas apelam ao coração.

Dentro da Igreja Católica há também movimentos que trabalham muito com o emotivo e procuram, assim, transmitir uma experiência de Deus. Para determinadas pessoas vale: quanto mais emoção, mais experiência de Deus.

Ninguém pode negar que o ser humano é um ser religioso por natureza. Há uma sede em nós que só é saciada por Deus. Santo Agostinho já o disse: "Nosso coração está inquieto, até que repouse

em Deus". Todos nós já experimentamos momentos de grande paz e felicidade no contato com Deus. Todos nós podemos contar quando foi que experimentamos Deus de um modo todo especial. Podem ser momentos de alegria ou de dor, de silêncio e paz interior, como no meio da angústia e da tribulação. Sentimos Deus quando estamos diante da beleza da natureza, da arte, ou durante uma conversa com alguém. De certo modo, toda experiência de amor é experiência de Deus.

A catequese deve ajudar os catequizandos a estarem atentos à experiência de Deus em sua vida. Deve ajudar a discernir entre a experiência autêntica e sentimentos superficiais de emoção. A catequese deve proporcionar momentos de interiorização profunda, de admiração das belezas da natureza, de experimentar Deus no contato com os outros. Mas deve também ajudar a descobrir Deus na aridez, nas dúvidas de fé, na luta diária, na presença das pessoas mais pobres e marginalizadas. Encontrar Deus aí será certa-

mente mais difícil que nas emoções fortes e passageiras.

A verdadeira catequese deve empolgar, fazer descobrir um Deus de Amor e Misericórdia, um Deus amigo sempre fiel que está ao nosso lado em tempos de alegria e de sofrimento. É um Deus com quem se pode falar, chorar, e até questionar. É um Deus que chama à entrega ao seu Projeto de Salvação.

A catequese deve ser menos racional e mais afetiva. A grande riqueza dos sentimentos humanos deve encontrar aí a possibilidade de crescimento e evasão. O aspecto pessoal da vivência religiosa encontra aqui uma orientação e uma proposta. É uma catequese que parte da realidade de cada um, das suas experiências de vida, da sua necessidade de amar e ser amado. Tanto na catequese de crianças como na catequese de adultos este aspecto não pode ser esquecido, mas deve impregnar todo o processo catequético. Talvez seja um aspecto "novo" que deve ter seu lugar numa catequese atualizada.

## A DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA CATEQUESE

A dimensão comunitária da catequese foi bastante frisada pelo documento *Catequese Renovada*. É importante nunca perder de vista esta dimensão. Não vivemos nossa fé somente em nível individual, mas sempre junto com os outros, em comunidade. Cada Igreja é um conjunto de membros que juntos vivem a sua fé, se apóiam e se ajudam.

Os primeiros cristãos já se reuniam em comunidades. Aquelas comunidades são, para nós, modelos de como viver, hoje, a nossa fé como seguidores de Jesus. Lemos no livro Atos dos Apóstolos que os fiéis eram perseverantes em ouvir o en-

sino dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações (cf. At 2,42). Como vivemos isto nas nossas comunidades, hoje?

O primeiro ponto mencionado é a perseverança em ouvir o ensino dos apóstolos. Os apóstolos anunciaram e pregaram a pessoa de Jesus e sua mensagem. Esta fé em Jesus era a primeira marca da comunidade.

Para nós, hoje, isto significa que devemos alimentar, na comunidade, a nossa fé em Jesus, conhecê-lo e amá-lo, seguindo seus passos numa vivência autenticamente cristã. Para isto, precisamos ouvir



a pregação da Igreja, hoje. É necessário ouvir a Palavra de Deus, conhecer a Bíblia. E isto não se dá sem evangelização, sem catequese, sem educação da fé. A comunidade toda tem a grande tarefa de anunciar, de evangelizar. E esta educação da fé não é só para crianças e jovens, mas antes de tudo para os adultos, ouvindo a palavra de Jesus: *Façam que todos os povos se tornem meus discípulos* (Mt 28,19a). Quantos católicos não sabem explicar a razão da sua fé. Não se preocupam com sua formação como cristãos, continuam com uma fé infantil, conservando somente algo que aprenderam na infância.

O documento *Catequese Renovada* frisa que a comunidade é catequizadora. Toda a comunidade participa da missão catequética.

A vivência dos primeiros cristãos mostra também sua comunhão fraterna. Havia grande solidariedade. *"Não havia necessitados entre eles"* (At 4,34). Aqui en-

tra o aspecto da partilha dos bens materiais, dos dons, do tempo, da dedicação.

Os cristãos uniam-se na oração e na fração do pão (a Eucaristia). Hoje, a comunidade se reúne para rezar e celebrar a salvação de Deus através dos sacramentos.

A catequese propriamente dita também se caracteriza por estes três aspectos.

O grupo dos catequizandos é uma pequena comunidade de fé, onde se aprende a mensagem cristã. Mas é também uma comunidade de amor, onde todos se sentem acolhidos, se conhecem, se ajudam e se sentem solidários uns com os outros. É uma comunidade onde se aprende a rezar e onde se prepara para a vivência dos sacramentos. É uma comunidade que caminha dentro da grande comunidade que é a paróquia. A catequese deve preparar os catequizandos para viverem plenamente sua participação na comunidade maior.

## A DIMENSÃO SOCIAL OU TRANSFORMADORA

Como vimos, a catequese experimental ou afetiva se refere ao campo pessoal e íntimo da fé. A dimensão comunitária alarga a visão para a vivência da fé junto com os outros, como membros da Igreja. Mas falta o aspecto "social", a preocupação da Igreja com a salvação do mundo. Os cristãos não podem ficar fechados dentro da sua comunidade ou movimento, mas devem abrir-se para o mundo lá fora, do qual eles mesmos fazem parte na vida quotidiana.

Jesus falava constantemente do Reino de Deus. Ele veio inaugurar este Reino. Ele nos mandou rezar: *"Venha a nós o vosso Reino"*. De que Reino Jesus estava falando?

O Reino de Deus não é um território geográfico, um país, um império. O Reino de Deus está presente onde se faz a Vontade de Deus. O Reino se concretiza onde se vivem os valores pregados por Jesus: o amor, a misericórdia, o perdão, a partilha, o serviço, o espírito de pobreza, a justiça, a verdade, a paz e tantos outros. A comunidade da Igreja é chamada a impregnar a sociedade destes valores.

O Concílio Vaticano II frisou que a Igreja é sinal e instrumento do Reino, Reino que já começa aqui e agora e chegará à plenitude na eternidade. Mas, enquanto estamos aqui, devemos construí-lo do melhor modo possível.

Quando o Concílio diz que a Igreja é SINAL do Reino, ele quer dizer que ela mesma deve viver os valores evangélicos nas suas estruturas, na sua vivência comunitária, de modo que se torna assim uma "amostra", um sinal do que é o Reino de Deus.

Quando o Concílio diz que a Igreja é INSTRUMENTO do Reino, quer dizer que a Igreja deve trabalhar para que o Reino se concretize também fora da comunidade. Nossa sociedade deve ser impregnada da vivência dos valores evangélicos e cada cristão, no seu lugar, deve ser sal e fermento: na família, no trabalho, na cultura, na educação, nos meios de comunicação, na política. Nenhum setor pode ser excluído.

Na América Latina e no Brasil é grande a situação de injustiça. As diferenças econômicas entre ricos e pobres são as piores do mundo. A violência cresce a cada dia. O narcotráfico está querendo dominar a sociedade. A corrupção é gritante e clama aos céus. A tarefa é árdua, mas o cristão tem que trabalhar por um mundo melhor, um mundo conforme o plano de Deus, que foi ensinado e vivido por Jesus.

Numa boa catequese, a dimensão transformadora deve estar presente. Os cristãos devem ser formados para assumir seu papel na sociedade, ser testemunhas de vida cristã.

A catequese deve falar a linguagem de hoje, conhecer a realidade urbana, conhecer os anseios do homem moderno, sua busca do transcendente, seu desejo de uma vida mais plena e feliz.

O Papa Paulo VI disse que a Igreja deve se preocupar com "a salvação do homem todo e de todos os homens". *Salvar o homem todo* quer dizer levar em

consideração todas as facetas humanas e não somente a religiosa. A pessoa precisa de alimentação, habitação, profissão, emprego, educação, liberdade, segurança e, sobretudo, de amor e fraternidade. Ela precisa profundamente de Deus e de um sentido para a vida. Tudo isto deve ser "salvo". É a salvação do homem integral.

Mas, diz o Papa, a Igreja deve *salvar também todos os homens*. Aí estão diante de nós as multidões de pobres, marginalizados, oprimidos, sem voz nem vez. Todos devem ser "salvos".

Quando falamos em "salvação" hoje, entendemos **vida plena**. Todos têm direito de serem felizes, mas, para que isto aconteça, todos devem se esforçar para trabalhar não só para o próprio bem, mas também para o bem comum.

Há pessoas que acham que a Igreja se preocupa demais com a política e com a transformação das estruturas da sociedade. Mas a *Teologia da Libertação* ainda não perdeu seu sentido profundo. Sempre será necessário que a Igreja conscientize os cristãos da sua responsabilidade na salvação do mundo, da construção do Reino de Deus. Muitos documentos do Papa e dos nossos Bispos falam sobre isto. A Igreja não pode fechar-se em si mesma, mas deve trabalhar para que o mundo todo se torne um Reino de paz, de justiça, de amor.

A dimensão transformadora faz parte de uma catequese autêntica. Deve formar a consciência crítica diante da realidade e deve preparar para uma atuação transformadora, responsável no nosso mundo que grita por paz e justiça. Se faltar a formação para a responsabilidade social, a catequese estará mandando tremendamente.

Já vimos que a catequese pré-conciliar se marcava por um forte acento na doutrinação. Hoje em dia, com a renovação da catequese, tem-se, às vezes, a impressão que a doutrina tenha se tornado desnecessária. Catequese é vida, como se diz. Mas é claro que ninguém vai entender sua vocação de cristão sem conhecer as razões que levam a isto. A marca da catequese renovada "Interação fé e vida" diz respeito a isto. Doutrina e vida se entrelaçam. Uma não vai sem a outra.

A *Catequese Renovada* coloca a Bíblia como primeira fonte da catequese. Coloca-a até antes do Catecismo.

Existe uma certa distinção entre a dimensão bíblica e a dimensão doutrinal.

A Bíblia foi escrita a partir da experiência religiosa de um povo. Através dos tempos, descobriram a mão de Deus na sua história, na voz dos profetas, na Lei e na sabedoria do povo. Tais experiências foram escritas e alimentam, até hoje, a vivência com Deus e com os outros.

A Bíblia não é um livro de doutrinas. Não contém dogmas. Deixa abertura para diversas opiniões e explicações.

Quais são os "ensinamentos" de Jesus? Jesus nos fala de seu Pai, nos revela o "rosto" de Deus. Fala sobre as exigências do amor. Ele critica certas atitudes de pessoas, especialmente dos fariseus e dos líderes religiosos. Toma a defesa dos pobres e marginalizados e até dos pecadores.

Quando dizemos que a catequese deve ser bíblica, referimo-nos a uma leitura que influencia a nossa vida pessoal, da comunidade, e que nos leva a assumir um compromisso. A Bíblia nos ensina as atitudes evangélicas que devem marcar a nossa vida: a entrega ao amor e misericórdia de Deus, o amor entre os irmãos com

destaque à necessidade do perdão e do amor até aos nossos inimigos. Incita-nos a anunciar a Boa Nova da chegada do Reino de Deus. Mais do que o conhecimento de determinadas doutrinas, a Bíblia nos exorta a uma vivência dos valores do Evangelho que nos introduz a uma experiência de Deus, que nos faz viver em comunidade e a serviço da transformação do mundo, da construção do Reino.

É por isso que a Bíblia não pode faltar na catequese. Hoje em dia, graças a Deus, a Bíblia está na mão do povo, que descobriu nela os caminhos a seguir. Os encontros bíblicos têm enriquecido a vivência de muita gente em particular e de nossas comunidades.

O catecismo já tem outra finalidade. Embora também se refira à vivência da fé, ele visa mais o aspecto racional, o conhecimento das verdades. O que devo acreditar? Em que devo acreditar?

Todos conhecemos os antigos catecismos cujos conteúdos precisavam ser decorados para "fazer a primeira Comunhão". Agora, a Igreja fez um grande Catecismo que foi editado em 1992. É o chamado *Catecismo da Igreja Católica*.

Hoje em dia, todo mundo concorda que não basta conhecer a doutrina. É necessária a vivência, a entrega a Deus pela fé, uma resposta vivida. O Papa João Paulo II, na sua primeira visita ao Brasil em 1980, já falou aos catequistas que é preferível falar em "mensagem" em vez de "doutrina", porque mensagem supõe resposta, uma resposta vivida.

É por isto que, hoje em dia, os catecismos se referem à Bíblia e à vivência. É uma interação fé e vida. Quando foi editado o Catecismo da Igreja Católica, também foi editado o novo Diretório Geral

da Catequese que visa levar a riqueza do Catecismo para uma catequese vivencial. Não só a Bíblia, nem só o Catecismo. Os dois devem andar unidos, de mãos dadas. Uma boa catequese supõe que os dois estejam presentes na formação da fé.

O *Directorio Geral da Catequese* dedica algumas páginas às principais verdades que devem marcar uma verdadeira catequese. Segue um resumo das mesmas:

1. A mensagem centrada na Pessoa de Jesus Cristo que introduz na dimensão trinitária e que revela ao homem sua vocação.

2. O anúncio da Boa Nova do Reino de Deus, centrado no dom da salvação, que implica numa mensagem de libertação e que culminará no Reino definitivo.

3. O caráter eclesial da mensagem, o aspecto comunitário da Igreja, sua celebração da ação salvadora de Cristo nos sacramentos, especialmente na Eucaristia, e sua missão de ser Sinal e Instrumento do Reino.

Como podem notar, encontram-se aqui as três dimensões da catequese: a pessoal, a comunitária, a social (o Reino).

## A DIMENSÃO CELEBRATIVA

Toda catequese, quaisquer que sejam seus destinatários, tem sua dimensão celebrativa. A catequese deve culminar na celebração da presença de Deus no meio de nós e na caminhada da vida. É momento de oração, reflexão, celebração. Tudo que foi refletido na catequese e o que foi vivido no dia-a-dia é levado diante de Deus e assumido dentro de uma resposta de fé.

Temos nossas celebrações na Liturgia: a celebração dos sacramentos e especialmente da Eucaristia.

A catequese deve preparar para estas celebrações. Mas é bom frisar que a catequese não é somente preparação para os sacramentos. A catequese deve ser uma caminhada constante, um processo de educação da fé. Ao longo desta caminhada, há alguns momentos fortes como a recepção de um sacramento: Batismo, Penitência, Eucaristia, Crisma. A catequese é uma **iniciação** a uma vida sacramental, não um ponto final, como acontece, muitas vezes. Tendo feito a primeira comu-

nhão eucarística, ou sendo crismado, os catequizandos somem e não têm mais motivação para continuar sua formação religiosa. Infelizmente, ainda não se descobriu que a catequese é um processo permanente.

Além da preparação aos sacramentos, é importante que a catequese "celebre", muitas vezes, nos seus encontros regulares, sua caminhada. É uma forma bem catequética de formar uma mentalidade litúrgica. Uma boa celebração tem grandes valores: é momento de oração, de reflexão, de silêncio interior, de vivência comunitária, de contato com a Palavra de Deus, de celebração de acontecimentos, de assumir um compromisso.

Uma boa celebração tem seus cantos, leituras da Bíblia, reflexão, oração.

Importantes são os símbolos. Toda a liturgia é impregnada de símbolos. Usando-os nas celebrações na catequese, os catequizandos já vão se familiarizando. Os símbolos ajudam muito a fazer uma ce-

lebração participada. Os símbolos tocam o fundo da alma, fazem lembrar experiências, fazem entender melhor a mensagem anunciada.

Importante é que toda a celebração gire ao redor de um único tema ou acontecimento. Tudo – cantos, leituras, símbolos, orações – deve estar dirigido para uma única idéia central.

A catequese deve dar bastante atenção à parte celebrativa, como também à oração. A catequese é o lugar propício para formar um verdadeiro espírito de oração, de silêncio, de meditação. Este é um aspecto, muitas vezes, esquecido. Como já vimos, a catequese deve levar a uma experiência de Deus. Os momentos de silêncio e oração são grandes meios para isto.

## UMA CATEQUESE INCULTURADA E SITUADA

Como toda a pastoral, a catequese deve ser inculturada. Deve levar em conta os destinatários da catequese. Deve falar a linguagem deles, conhecer as expressões culturais e religiosas.

O catequista tem que se perguntar: a quem estou me dirigindo? A crianças, jovens, adultos? Aos pobres e marginalizados? Aos intelectuais e lideranças políticas? A pessoas que estão iniciando

sua caminhada de fé ou a pessoas que já têm um bom caminho andado?

Supõe conhecimento da situação sócio-econômica dos catequizandos, das suas perguntas e dúvidas, das suas experiências religiosas, da psicologia da criança, do jovem ou do adulto. A doutrina iluminada pela Bíblia deve ser plantada no chão da vida concreta e não pode ficar "pairando no ar".

## OBSERVAÇÃO

Tudo que falamos até agora se aplica a qualquer tipo de catequese. Não é diferente para crianças, jovens ou adultos. O conteúdo é igual, as dimensões são iguais. O que muda é o ponto de partida: a situação concreta, a realidade, as perguntas e dúvidas dos catequizandos, a linguagem, o método e as técnicas.

## CATEQUESE DE ADULTOS

A Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB está preparando a 2ª Semana Brasileira de Catequese que acontecerá em Itaici, de 8 a 12 de outubro deste ano. O tema escolhido é a catequese com adultos. Por que esta atenção para os adultos?

Com o Concílio Vaticano II, a visão da Igreja se renovou e a necessidade de uma catequese renovada para adultos se apresentou.

Em 1971, a Igreja lançou o Primeiro Diretório Catequético Geral. O documento pediu que se retomasse a catequese de adultos. Em vários países da Europa surgiram catecismos para adultos, não mais numa linguagem de perguntas e respostas teológicas. A partir da realidade, das perguntas e dúvidas do homem moderno, esses catecismos procuram dar uma resposta aos gran-

des anseios do ser humano tendo como fonte a Palavra de Deus e a doutrina da Igreja.

Em 1977 houve o sínodo sobre a catequese e o Papa João Paulo II colocou como primazia a catequese de adultos. Escreveu a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* em que diz que "a catequese de adultos é a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e a ca-

pacidade para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida" (Nº 43).

O documento *Catequese Renovada* (1983) dedica cinco números substanciais à catequese de adultos (Nºs 120 e 123 a 130).

Em 1997, foi editado, pela Congregação do Clero, o novo *Diretório Geral para a Catequese* dedicando um capítulo inteiro à catequese de adultos.

## CATEQUESE OU FORMAÇÃO CRISTÃ?

Sendo a catequese um processo permanentemente, pode-se dizer que todos os batizados precisam de uma forma de catequese. A palavra "catequese" pode colocar questionamentos. Pensamos logo em catequese infantil e juvenil. A palavra "catequese" pode até afastar os adultos. Melhor seria falar em "formação cristã do adulto" ou algo semelhante.

Mesmo assim é bom distinguir as duas expressões.

Por "catequese" se entende mais uma formação **sistemática** da fé, uma iniciação à mensagem cristã, uma iniciação aos sacramentos, os principais princípios de uma atuação ética e moral. Na prática da nossa pastoral catequese e formação cristã se misturam.

## QUEM SÃO OS DESTINATÁRIOS?

Hoje em dia, há muitos adultos que não foram batizados ou, sendo batizados, não foram preparados para os outros sacramentos. Não têm praticamente nenhuma vivência de fé. Para eles é necessária uma iniciação sistemática conforme sua situação, maturidade, escolaridade etc.

Há outros que foram iniciados na vivência dos sacramentos na infância, mas pararam aí. Estes cristãos vão à igreja por ocasião de casamento ou falecimento de um ente querido. Também para eles se torna necessária uma boa catequese sistematizada.

Há pessoas que vêm de outras Igrejas cristãs ou outras religiões. Precisam

de uma catequese que leve em conta a formação religiosa que já receberam e que deve ser valorizada.

Muitos são os adultos afastados da Igreja por diversas razões. São os que se tornaram indiferentes à questão religiosa, ou aqueles que passam de uma religião para outra sem se encontrar realmente. Querem experimentar de tudo um pouco. Ou se afastaram da Igreja por alguma experiência negativa por parte da comunidade ou do clero.

Há pessoas para quem a religião é uma coisa rotineira, sem compromisso, sem muita convicção. Precisam ser motivadas para uma vivência mais compro-

metida e um aprofundamento do conhecimento das razões da sua fé.

Há os católicos que realmente participam, que se engajam em pastorais e movimentos da sua comunidade. Mesmo para eles um aprofundamento sistemático da fé pode ser uma necessidade e uma riqueza.

Encontramos católicos sinceros, com espírito crítico, que têm dificuldade em aceitar certas normas, doutrinas e comportamentos propostos pela Igreja. Eles precisam de um esclarecimento substancial, respeitando seu senso questionador.

Temos ainda os que exercem grande liderança no mundo político e social. De grande importância seria uma atuação da Igreja junto a estas pessoas.

Podem ser acrescentados muitos outros grupos. Ninguém escapa à necessidade de uma sólida formação que leva ao compromisso. A formação religiosa é algo permanente e abrange toda a nossa vida. A catequese sistemática pode ser mais necessária para grupos que estão iniciando. Mas a formação religiosa precisa continuar sempre.

## O QUE JÁ ESTÁ ACONTECENDO

No Brasil, temos muitas experiências de formação da fé cristã dos adultos:

- \* Grupos de reflexão e círculos bíblicos
- \* Campanha da Fraternidade
- \* Novenas de Natal
- \* Missões populares
- \* Cursos para noivos, ministros da comunhão, preparação para o Batismo
- \* Iniciação para a Primeira Comunhão Eucarística de adultos
- \* Participação dos pais no processo catequético dos filhos
- \* Formação dos catequistas
- \* Encontros e cursos de formação de leigos; escolas de fé
- \* Formação dada nos diversos movimentos
- \* Catequese realizada nos Meios de Comunicação: Rádio, TV e outros meios

Temos os grandes Projetos de Pastoral da Igreja, como atualmente o "Projeto Ser Igreja no Novo Milênio", que envolve todas as comunidades, grupos e movimentos num único esforço de aprofundamento numa fé comprometida com a comunidade e a transformação da sociedade. É uma "catequese" organizada, com rico material de reflexão e com a vantagem de ter o estímulo oficial e insistente da CNBB.

## ADULTO, SER EM CONSTANTE CRESCIMENTO

Geralmente, consideramos o adulto como alguém que chegou à maturidade, conhecedor de seus direitos e deveres, atuando com responsabilidade, como se isto fosse natural a partir da idade adulta.

As pesquisas psicológicas das últimas décadas mostram que a idade adulta é uma fase de evolução e não uma etapa madura e fechada a um desenvolvimento posterior. Assim, está superado

o conceito de pessoa "adulta", formada e educada completamente. A maturidade é uma situação dinâmica de contínua evolução. A vida inteira é um processo de crescimento. Através das experiências da vida, através de uma contínua aprendizagem, o adulto desenvolverá sua criatividade, sua autonomia pessoal, assumirá os compromissos e participará responsabilmente na construção da comunidade e da sociedade. Conserva sempre sua capacidade de "aprender", de abrir os horizontes dos seus pensamentos, de pensar de um modo crítico e responsável, de ser criativo. Aprender supõe "mudar", passar por transformações, formar uma mentalidade nova. Isto é, às vezes, difícil, especialmente quando o adulto fica muito apegado às suas convicções e idéias e não se abre para o novo. No tempo atual, o ritmo das transformações culturais e religiosas está tão acelerado que é difícil, para o adulto, acompanhá-lo. Em nível religioso pode causar crises de fé e de identidade cristã. O adulto se torna inseguro. Não sabe responder satisfatoriamente a perguntas fundamentais da sua

fé. Sente o abismo entre as gerações, a dificuldade de dialogar com os filhos, de orientá-los neste mundo em constante mudança.

Em tudo isto fica claro a importância da formação cristã dos adultos. Mesmo aqueles adultos que tiveram uma boa formação religiosa na sua infância e juventude vão sentir a necessidade de uma atualização a fim de poder justificar o seu ser-cristão. Constantemente, há novas descobertas, novos questionamentos que influenciam a vida da fé e da ética cristã. Os meios de comunicação obrigam a assumir certas posições, as descobertas da ciência e da bio-técnica colocam o cristão diante de perguntas sérias. Quem não se coloca a par das mudanças do nosso mundo cultural e religioso ficará estagnado, com idéias ultrapassadas que impedem um diálogo com o mundo contemporâneo: com os jovens, os operários, os intelectuais, como também com os pobres e marginalizados. Os adultos devem sair do seu infantilismo religioso e conhecer seu papel transformador dentro e fora da Igreja.

## O MÉTODO

Hoje em dia, falamos de preferência de uma catequese **COM** adultos. Isto para mostrar que trabalhar com adultos supõe que eles são levados a sério. Devem ser tratados como adultos. Qualquer que seja sua condição intelectual, cultural ou econômica, o adulto é sempre alguém que tem uma grande experiência de vida, que é capaz de pensar e discernir. O(a) agente deve saber dialogar, escutar. Não dá uma resposta pronta, mas busca, junto com o outro, alguma luz para as suas dúvidas,

perguntas e problemas. Nunca é o "professor", aquele que sabe dar uma resposta simples e fácil. Por outro lado, é necessário que o(a) agente tenha um bom conteúdo e uma rica experiência para partilhar. Tudo depende de como isto é colocado em comum. Ambas as partes têm riquezas a partilhar. É um mútuo crescimento que pode criar laços de fraternidade. É bom que, dentro do possível, todos participem da elaboração do programa e do método.



Sempre precisa-se partir da realidade dos adultos. Sua situação econômica, cultural, suas perguntas e questionamentos, sua escolaridade. Conhecer algo da experiência de vida das pessoas pode criar um ambiente fraterno entre os participan-

tes. Algum tempo dado para um conhecimento mútuo pode ser de grande proveito para se fazer uma caminhada comunitária que é uma das dimensões da catequese. Que haja um ambiente onde todos se sintam bem, aceitos, valorizados.

## **O MÉTODO MAIS ACONSELHADO É O MÉTODO VER – JULGAR – AGIR – CELEBRAR – AVALIAR.**

O **“ver”** é olhar a realidade, a situação, as perguntas e as experiências dos participantes. Sem ligação com a vida concreta, a catequese será algo abstrato e desligado da vida.

O **“julgar”** é feito pela luz que a Bíblia projeta sobre a realidade. Mas, além da leitura bíblica, pode-se usar um bom texto da atualidade, uma palestra, um documento da Igreja.

A reflexão deve levar a algo concreto. Pode ser alguma **“ação”**, mas também pode ser uma mudança de menta-

lidade, a formação de uma atitude evangélica, um novo modo de viver, afinal, a conversão.

O **“celebrar”** é também importante. Um momento de oração, de interiorização que fale ao coração pode levar todo o encontro à uma dimensão mais profunda.

Finalmente, o **“avaliar”**. A avaliação deve ser feita depois de cada encontro ou de cada unidade e, sobretudo, no final de uma etapa. Deve ser uma avaliação séria, autêntica que ajude a caminhar.

## **A FORMAÇÃO DOS AGENTES**

Não resta dúvida que um dos desafios mais importantes na catequese dos adultos é a formação dos agentes. As exigências não são poucas.

Pode-se esperar deles que tenham uma boa formação cristã, uma visão de Igreja do Vaticano II e que procurem sempre trabalhar dentro das diretrizes pastorais da CNBB que são elaboradas e atualizadas de 4 em 4 anos. Nada de **“a partes”**, de priorizar o próprio grupo ou movimento.

Os agentes devem ser bons comunicadores, relacionar-se bem, saber trabalhar em equipe, saber dialogar e delegar tare-

fas. É necessário trabalhar junto com as outras pastorais que lidam com adultos.

Pode-se esperar dos agentes uma boa formação humana, bíblica e doutrinal.

Que tenham uma consciência crítica da realidade, uma certa visão da conjuntura política e econômica do país.

Os animadores devem atualizar-se constantemente.

E, não em último lugar, devem combinar seus conhecimentos com uma vida de fé, de oração, de engajamento na comunidade.

É claro que não são somente os animadores os responsáveis por uma boa

catequese. Toda a comunidade é responsável. A catequese não pode funcionar à margem da comunidade, sem que seus membros tomem conhecimento.

Importante é o papel do padre. Ele é o animador da comunidade e, conseqüentemente, da catequese em todos os níveis. Se o pároco não vibrar, como a

comunidade e os animadores vão manter seu entusiasmo e desempenho?

O primeiro responsável pela catequese é o Bispo. Cada diocese tenha uma boa coordenação para a pastoral catequética que inspire a catequese em nível diocesano e mantenha contato com a Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB.

## A SEGUNDA SEMANA BRASILEIRA DE CATEQUESE

A fim de aprofundar, de modo especial, a questão da catequese com adultos, a Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB está organizando uma semana para refletir, junto com as bases, peritos, catequistas e agentes de pastoral sobre a situação desta catequese.

Será de 8 a 12 de outubro deste ano, em Itaici.

Escolheram como tema: "Com adultos, catequese adulta".

Lema: "Crescer rumo à maturidade em Cristo".

A meta é: "chegarmos, todos juntos, à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos, à estatura do Cristo em sua plenitude" (Ef 4,13).

Nosso mundo de catequistas é um mundo de leigos, graças a Deus. Quanto mais o leigo entender seu papel, mais se engajará. Mas isto não exclui a valiosa ação dos(as) religiosos(as).

Os(as) religiosos(as) têm a vantagem de uma boa formação cristã. Têm possibilidades de se aperfeiçoar. Talvez, as congregações pudessem refletir mais sobre sua participação na evangelização e catequese, liberando pessoas competentes, que tenham vocação para isto. Que seja um trabalho ligado à comunidade local, dentro das diretrizes da Igreja e da programação da comunidade, com disponibilidade de tempo e horário. Talvez isto mereça uma reflexão!

### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Depois de terem lido este resumo sobre a caminhada da catequese no Brasil, encontram algum estímulo para engajar-se nesta caminhada?

➔ Inês Broshuis. Membro do GRECAT, da comissão regional de catequese do Leste II e da comissão arquidiocesana de catequese de Belo Horizonte.

Endereço da autora: CNBB  
SE/SUL - Quadra 801 - Conjunto B  
70401-900 - Brasília, DF